

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS**

**GIOVANI GABRIEL SIQUEIRA DE SOUZA**

**A QUESTÃO FILOSÓFICA DA MORTE NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA À  
LUZ DA METAFÍSICA DA MORTE DE ARTHUR SCHOPENHAUER**

**CAMPINAS – SP**

**2023**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS**  
**ESCOLA DE CIÊNCIAS HUMANAS, JURÍDICAS E SOCIAIS**  
**FACULDADE DE FILOSOFIA**

**A QUESTÃO FILOSÓFICA DA MORTE NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA À  
LUZ DA METAFÍSICA DA MORTE DE ARTHUR SCHOPENHAUER.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Filosofia do Centro de Escola de Ciências Humanas, Jurídicas e Sociais, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, como exigência para a obtenção do grau de bacharel.

Orientador: Prof. Ms. Marcos José Alves Lisboa

**CAMPINAS – SP**

**2023**

Ficha catalográfica elaborada por Adriane Elane Borges de Carvalho CRB 8/9313  
Sistema de Bibliotecas e Informação - SBI - PUC-Campinas

100  
S239q

Souza, Giovani Gabriel Siqueira de

A questão filosófica da morte na sociedade contemporânea à luz da metafísica da morte de Arthur Schopenhauer / Giovani Gabriel Siqueira de Souza. - Campinas: PUC-Campinas, 2023.

62 f.

Orientador: Marcos José Alves Lisboa.

TCC (Bacharelado em Filosofia) - Faculdade de Filosofia, Escola de Ciências Humanas, Jurídicas e Sociais, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2023.

Inclui bibliografia.

1. Filosofia. 2. Morte - Existência - Metafísica. 3. Arthur Schopenhauer. I. Lisboa, Marcos José Alves. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Escola de Ciências Humanas, Jurídicas e Sociais. Faculdade de Filosofia. III. Título.

23. ed. CDD 100

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS**  
**ESCOLA DE CIÊNCIAS HUMANAS, JURÍDICAS E SOCIAIS**  
**FACULDADE DE FILOSOFIA**

**A QUESTÃO FILOSÓFICA DA MORTE NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA À  
LUZ DA METAFÍSICA DA MORTE DE ARTHUR SCHOPENHAUER.**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado em

---

Orientador: Prof. Ms. Marcos José Alves Lisboa

**CAMPINAS – SP**

**2023**

Dedico este trabalho àqueles que partiram deste mundo, em especial aos meus entes queridos. Na trama da saudade, ressoam vozes que transcendem o silêncio. A cada lembrança, diante da eternidade das memórias, reconheço a perenidade dos vínculos que o tempo não pode desfazer.

## AGRADECIMENTOS

À Deus,

A quem agradeço profundamente por ter me presenteado com o dom da vida, permitindo-me não apenas existir, mas vivenciar e compartilhar cada aspecto expressado neste agradecimento. É por Seu amor benevolente que pude experimentar a plenitude dos momentos vividos e das relações cultivadas, tornando este caminho verdadeiramente significativo.

À minha família,

Por serem uma fonte inesgotável de apoio, cuidado e compreensão, dedico minha mais profunda gratidão: Maria, minha mãe, Jaudete, meu pai, e minha irmã, Maria Elizete. Suas palavras de fé e incentivo foram alicerces fundamentais até aqui, e é especialmente emocionante lembrar que, mesmo distantes fisicamente, não apenas se alegraram com minhas conquistas, mas também choraram comigo nas horas difíceis, tornando cada triunfo e provação compartilhados ainda mais significativos.

Às amigas duradouras e relações que se fortaleceram nesse tempo,

Dedico a vocês a minha profunda gratidão. Em especial, agradeço a Alexandre e Vinicius, seminaristas da Diocese de Piracicaba, e a Adriano, seminarista Oblato de Maria Imaculada, pela cumplicidade, risadas compartilhadas e suporte constante em cada desafio e vitória vivenciados e superados por nós. A Renário Resende, meu amigo e irmão, cujo apoio e presença foram fundamentais para minha caminhada até este momento. Além disso, estendo minha gratidão especial a todos os amigos que fazem parte da minha história de vida, enriquecendo-a com memórias preciosas e apoio constante.

À Diocese de Limeira,

Manifesto imensa gratidão à Diocese de Limeira, aos padres formadores e a toda comunidade educativa do Seminário São João Maria Vianney, na pessoa do bispo diocesano, Dom José Roberto Fortes Palau, pelo apreço e incansável dedicação em minha caminhada vocacional. Em especial, expresso minha gratidão ao Padre Alexandre Boratti Favretto, cujo exemplo de vida e contribuição como diretor de estudos foram de suma importância para meu crescimento intelectual e o desenvolvimento deste trabalho.

À Pontifícia Universidade Católica de Campinas,

Expresso minha profunda gratidão e reconhecimento pela estrutura acadêmica proporcionada, que possibilitou não apenas a construção deste trabalho, mas também o meu crescimento intelectual e pessoal ao longo desses anos.

Ao Prof. Ms. Marcos José Alves Lisboa,

Pelo empenho em acompanhar-me como orientador no desenvolvimento deste trabalho, pelo qual demonstrou constante apreço e apoio.

Aos meus irmãos seminaristas,

Agradeço a caminhada compartilhada, onde, apesar das divergências, conflitos e diferenças, fizemos prevalecer, no final, a essência dos ensinamentos de Jesus no Evangelho, ensinando-

nos a amar e perdoar uns aos outros, tornando nossa convivência uma escola de compaixão e fraternidade. Com imensurável apreço, reverencio meu irmão Leonardo das Neves Silva pela amizade e cumplicidade, notadamente nos últimos e desafiadores meses que vivenciei no seio do Seminário.

“Se a nossa vida fosse sem fim e sem sofrimento, talvez a ninguém ocorresse perguntar por que o mundo existe e por que tem precisamente essa índole; porém, tudo se entenderia por si mesmo.”

Arthur Schopenhauer

(1788-1860)

## RESUMO

Este trabalho analisa o retrato da morte desde os primórdios da filosofia até o contemporâneo, por meio de uma abordagem histórica, filosófica e literária. Aprofunda-se no horizonte filosófico de Arthur Schopenhauer, investigando sua metafísica da morte e sua visão da morte como fim da individualidade, além de explorar o medo associado a ela. O estudo prossegue examinando diversas perspectivas sobre a mortalidade, desde a análise de Philippe Ariès, renomado historiador francês, sobre a morte na sociedade até as consolações metafísicas atribuídas a esse fenômeno. A pesquisa também investiga o tabu da morte na sociedade moderna, revelando os diferentes modos como a contemporaneidade lida com essa certeza existencial: a morte. Esta pesquisa pretende investigar não apenas o fenômeno da morte em si, mas o impacto que ela tem na construção da consciência humana e suas nuances na sociedade. Refletir sobre a morte é refletir sobre a vida, pois a morte é uma possibilidade que se apresenta a todo ser vivente, especialmente ao ser humano, de forma consciente. A metodologia adotada para este trabalho se deu por meio de uma investigação e interpretação fenomenológica e hermenêutica, com um levantamento bibliográfico que engloba a temática da finitude humana, destacando Arthur Schopenhauer, que atuou como plano de fundo e guia da pesquisa. Os resultados obtidos foram surpreendentes ao constatar como a morte continua sendo, conforme colocado por Schopenhauer, a musa da filosofia. Observa-se que a morte continua sendo uma geradora de reflexões profundas sobre a condição humana e a vida em todas as suas possibilidades existenciais. Conclui-se, dessa forma, que a morte é um fenômeno que se apresenta ao ser humano, podendo causar um misto de sentimentos e emoções, especialmente àqueles que testemunham a morte de outro e se angustiam com sua própria mortalidade. As atitudes adotadas diante da morte são moldadas pela cultura e pelo pensamento contemporâneo. Assim, é possível observar que a postura de uma sociedade diante da morte configura seu agir social e o modo como o indivíduo se relaciona com o seu ser-no-mundo. A filosofia de Arthur Schopenhauer contribui para a compreensão da morte como um vazio, um medo irracional e, ao mesmo tempo, uma libertação do sofrimento, um estado ontológico e natural de todo ser vivente, especialmente do ser humano. Portanto, no contemporâneo, é possível dar passos significativos, baseados em sua filosofia, para viver a vida com maior intensidade, atribuindo verdadeiro significado ao existir.

**Palavras-chave:** Morte. Existência. Metafísica. Filosofia. Schopenhauer.

## ABSTRACT

This work analyzes the portrayal of death from the beginnings of philosophy to the contemporary era, through a historical, philosophical, and literary approach. It delves into Arthur Schopenhauer's philosophical horizon, investigating his metaphysics of death and his view of death as the end of individuality, as well as exploring the fear associated with it. The study proceeds by examining various perspectives on mortality, from the analysis of Philippe Ariès, a renowned French historian, on death in society to the metaphysical consolations attributed to this phenomenon. The research also investigates the taboo of death in modern society, revealing the different ways in which contemporaneity deals with this existential certainty: death. This research aims to investigate not only the phenomenon of death itself but also its impact on the construction of human consciousness and its nuances in society. Reflecting on death is reflecting on life, as death is a possibility presented to every living being, especially to humans, consciously. The methodology adopted for this work involved a phenomenological and hermeneutic investigation and interpretation, with a bibliographical survey encompassing the theme of human finitude, highlighting Arthur Schopenhauer, who acted as the background and guide for the research. The results obtained were surprising in finding how death continues to be, as stated by Schopenhauer, the muse of philosophy. It is observed that death continues to generate profound reflections on the human condition and life in all its existential possibilities. It is concluded, therefore, that death is a phenomenon presented to human beings, capable of causing a mixture of feelings and emotions, especially for those who witness the death of others and anguish over their own mortality. Attitudes adopted towards death are shaped by culture and contemporary thought. Thus, it is possible to observe that a society's attitude towards death shapes its social actions and how individuals relate to their being-in-the-world. Arthur Schopenhauer's philosophy contributes to the understanding of death as emptiness, an irrational fear, and at the same time, a liberation from suffering, an ontological and natural state of every living being, especially of the human being. Therefore, in the contemporary era, it is possible to take significant steps, based on his philosophy, to live life with greater intensity, attributing true meaning to existence.

**Keywords:** Death. Existence. Metaphysics. Philosophy. Schopenhauer.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	2
<b>1. A QUESTÃO DA MORTE</b> .....	5
<b>1.1 Das raízes da filosofia à Schopenhauer.</b> .....	5
<b>1.2 Inevitabilidade da morte</b> .....	11
<b>1.3 Nuances da mortalidade no contemporâneo</b> .....	12
<b>2. HORIZONTE FILOSÓFICO EM ARTHUR SCHOPENHAUER</b> .....	17
<b>2.1 Breve histórico e aparato filosófico de Schopenhauer</b> .....	18
<b>2.2 A Metafísica da Morte de Arthur Schopenhauer</b> .....	22
<b>2.3 Schopenhauer e a concepção da morte como fim da individualidade</b> .....	26
<b>2.4 O medo da morte</b> .....	30
<b>3. DESVENDANDO A MORTALIDADE: PERSPECTIVAS SOBRE A MORTE.</b> .....	34
<b>3.1 Philippe Ariès e a Morte na sociedade</b> .....	35
<b>3.2 Atribuição de sentido à morte: consolações metafísicas.</b> .....	39
<b>3.3 Sociedade moderna: o tabu da morte.</b> .....	43
<b>CONCLUSÃO</b> .....	47

## INTRODUÇÃO

A morte constitui uma temática de proeminência indiscutível no âmbito da filosofia, sendo reverenciada como foco de contemplação ao longo dos anais da história filosófica. Dentre as angústias que permeiam a vida do ser humano, a maior angústia é a angústia da morte, ela é um acontecimento natural que o atormenta sobremaneira. No ocidente-europeu, a postura do ser humano diante da morte obteve diversos aspectos ao longo da história e, por assim dizer, houve uma transição da aceitação ao medo e do medo à sua vulgarização.

Pode-se afirmar que o receio e a banalização da mortalidade se configuram como atributos do contexto atual, ressaltados na cultura ocidental que enfatiza primordialmente a vivacidade da existência. Ao tabuizar a morte ou relegá-la à vulgaridade, vive-se como se esta fosse uma ausência. Platão nos ensina que a reflexão sobre a morte é uma boa via para filosofar, e Montaigne diz que filosofar é o aprender a morrer. Em consonância com o pensamento schopenhaueriano, a morte se apresenta como o epílogo dos infortúnios da vida.

Do ponto de vista histórico, a morte pode ser compreendida como o fim da vida, o término da existência de um organismo vivo. A forma como a morte foi percebida e interpretada ao longo da história tem variado amplamente, dependendo de diferentes contextos culturais, religiosos, filosóficos e científicos. Em muitas culturas antigas, a morte era frequentemente associada a crenças religiosas e espirituais. Acreditava-se que a morte não era o fim absoluto, mas o início de uma nova jornada para a alma ou espírito do falecido. Essas crenças resultaram em práticas funerárias complexas, rituais de passagem e concepções do além-vida.

De acordo Arthur Schopenhauer, filósofo alemão do século XIX, o sentido da vida é permeado por um profundo pessimismo. Schopenhauer via a existência humana como uma condição de sofrimento inerente, na qual os desejos e aspirações individuais são insaciáveis e levam à insatisfação contínua. Schopenhauer argumentava que o princípio fundamental que governa a vida é a "vontade de viver" (*Wille zum Leben*). Essa vontade, de acordo com ele, é uma força cega e irracional que impulsiona os seres humanos a buscar satisfação em seus desejos e necessidades. No entanto, Schopenhauer via essa busca como fadada ao fracasso, pois a realização de um desejo apenas leva ao surgimento de novos desejos, criando um ciclo interminável de insatisfação.

A única forma de escapar desse ciclo de sofrimento, para Schopenhauer, é pela negação da vontade. Ele argumentava que o caminho para a libertação e para alcançar algum tipo de paz interior é transcender os desejos e aspirações egoístas, alcançando um estado de desa-

pego e renúncia. Essa visão está enraizada em influências filosóficas como o budismo e o hinduísmo. Da mesma forma, via a arte, de forma especial a música, como uma forma de transcender à vontade. Ele cria que a experiência estética poderia levar o indivíduo acima do sofrimento do mundo e nos proporcionar um “êxtase” momentâneo superando esse ciclo doloroso da vida. Sumamente, o pensamento schopenhaueriano é caracterizado por um reconhecimento do sofrimento inerente à existência humana e pela busca, por assim dizer, da “libertação” do sofrimento através da abnegação e negação da vontade na transcendência dos desejos egoístas. A renúncia e a apreciação estética, segundo Schopenhauer, são caminhos para se alcançar o alívio do sofrimento em alguma forma de redenção.

O pensamento sobre a finitude da vida se difere e toma forma a partir de crenças religiosas e culturais. Segundo o filósofo, Arthur Schopenhauer, “a morte é propriamente dizendo o gênio inspirador ou o Musagete da filosofia” e, portanto, pode-se a partir dessa definição pensar qual é o papel da morte na vida do ser humano e como seria a sua vida se ela não existisse. Fato é que, no decorrer da história, a morte mostrou-se verdadeira “rainha do mundo fenomênico” ou “musa”, conforme afirma Schopenhauer. Sobretudo nas religiões e na filosofia, a morte conquistou o centro das reflexões e sobre ela encontramos vastos tratados.

Assim, compreende-se que embora a morte esteja presente na vida humana ao longo de milênios, pouco sabemos o que de fato ela é. A morte continua diante do ser humano como um grande mistério presente no todo das partes da vida. A morte assume, por assim dizer, um atributo divino: a onipresença. Assim pode-se afirmar a partir da ciência quando constamos todo o ser vivo no mundo, pois que os organismos celulares estão em constante renovação. Pesquisas recentes mostram que, sobretudo quando dormimos, as nossas células entram em um estado de não-ser e ser. Ou seja, trata-se de uma renovação celular que transita entre vida e morte: bilhões de células morrem para que outras surjam, é um constante renovar da vida. É dessa forma que Schopenhauer expõe o ciclo da natureza na relação vida-morte.

No pensamento de Schopenhauer destaca-se a consciência da morte que é reservada *a priori* unicamente aos seres humanos, dotados do uso da razão. Schopenhauer afirma que os animais só sabem que irão morrer através da manifestação da vontade-de-viver diante do risco de vida, eles não possuem a consciência da morte. Diferentemente, o ser humano possui consciência da morte desde que passa a ter o uso pleno da razão. Isto faz com que este viva sua vida angustiado à espera da morte que hora ou outra chegará.

A conscientização da morte e a ideia de que irá morrer perturba o ser humano durante toda sua existência. Schopenhauer classifica esse “medo da morte” tal qual a vontade, cega e irracional. Por que se teme a morte, mas não se teme o nascimento? Essa é uma questão fundamental na sua argumentação ao classificar como “loucura” o medo de morrer ao dizer “se se batesse nos túmulos para perguntar aos mortos se estes querem ressuscitar, eles sacudiriam a cabeça negando”. Isto porque com a morte finda todo o sofrimento e dissabores do humano.

Posto isto, este trabalho tem como objeto de estudo o pensamento humano a respeito da morte. Ainda que a morte seja uma certeza, ela causa temor, espanto e, por vezes, desespero. Sêneca escreve em suas *Cartas a Lucílio* que o ser humano “morre um pouco a cada dia” (carta I, t. I, 3). O nosso contato com a morte é diário, só não nos damos conta disso. Nessa perspectiva, parece insólito discutir o que é a morte? A morte é um mal para nós? Por que a transformamos em um objeto de horror e retiramos a reflexão da finitude humana dos nossos laços sociais? Fala-se sobre tudo, mas quase nunca se fala sobre a morte. Retiramos a morte do cotidiano como se ela não existisse ou num movimento de vulgarização ao visualizar constantemente a “morte do outro” e não a “minha morte”.

A essência do ser humano está ligada à morte e nossa existência está orientada para a ela desde o seu nascimento: “um berço tem algo de sepulcro e é a marca de nossa mortalidade que nos enterra no nascimento” (Bossuet, *Premier sermon sur la Nativité*; citado em Régis Jolivet, *Le Problème de la mort chez M. Heigedder et J-Sartre*, 19). Com essa afirmação é possível identificar que a morte é, de fato, intrínseca à existência humana. Destarte, o olhar hermenêutico sobre a morte, na filosofia Arthur Schopenhauer retira-nos do pensamento de que a ela seja algo ruim ou um mal para nós. Ao que parece, o medo da morte é bastante plausível e, no entanto, para Schopenhauer – o medo da morte é irracional e cego.

Este estudo, focalizando a filosofia schopenhaueriana em relação à morte, busca investigar a razão pela qual a sociedade contemporânea atribui à morte uma conotação de horror ou desdém. Exploraremos como diversas narrativas históricas e literárias dialogam com essas reflexões filosóficas, refletindo o comportamento contemporâneo diante das dificuldades da existência humana e de sua finitude. A filosofia de Schopenhauer servirá como guia principal nesse processo, enquanto autores como José Saramago, renomado escritor português, e Philippe Ariès, historiador francês, trarão contribuições valiosas para esta investigação. Pretende-se elucidar esse paradigma por meio de abordagens alternativas, buscando superar essa problemática tão presente em nossa atualidade.

## 1. A QUESTÃO DA MORTE

No primeiro capítulo deste capítulo, objetiva-se percorrer as raízes do pensamento até as reflexões contemporâneas, deparando-se com uma constante e incontornável: a morte. Das raízes da filosofia, representadas pelos filósofos jônicos e o paradoxo da inevitabilidade da morte até as contribuições de Schopenhauer, que explorou o conceito do “nada da morte”, esse tema ecoa através dos séculos. Neste contexto, a inevitabilidade da morte se apresenta como uma realidade inescapável que desperta reflexões e incertezas no ser humano. As nuances da mortalidade contemporânea serão delineadas por Bernard N. Schumacher, revelando um intrincado mosaico de definições e estágios, desde o morrer até o estado final, cada um portando consigo significados sutis e profundos. Com isso, será possível vislumbrar a trajetória desde as origens da filosofia até os debates atuais sobre a morte, mostrando como esse tema permeia a existência humana, desafiando-nos a compreender não apenas seu inevitável desfecho, mas também a própria da natureza da vida.

### 1.1 Das raízes da filosofia à Schopenhauer.

A definição da palavra “morte”<sup>1</sup> não dá conta de responder o seu significado exato diante da sua amplitude e obscuridade. A experiência de habitar este mundo, em sua plenitude, imputa inexoravelmente a presença onipresente do transitório, na certeza inquestionável da impermanência. Diante das incertezas da vida, a morte é a única certeza do ser humano. Ela é um fenômeno que acontece dentro da vida. Assim, dentre todas as formas de vida que há no universo, a finitude humana apresenta-se como a mais frágil ao constatar de modo empírico a própria natureza: há um ciclo cronológico de início e fim em todas as formas existentes de vida onde o ser humano é aquele que nasce, morre e deixa de existir. Assim pensavam os filósofos jônicos:

“Os filósofos jônicos impressionavam-se muito com o fato da mudança, do nascimento e do crescimento, da decadência e morte. Primavera e outono no mundo externo da natureza, infância e velhice na vida do homem, vir à existência e desaparecer – estes eram fatos óbvios e inescapáveis do universo”<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Cessação completa da vida, da existência de; óbito, falecimento. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/morte>. Acesso em: 04 set. 2023.

<sup>2</sup> cf. COPLESTON, Frederick. **Uma história da filosofia**: Grécia, Roma e filosofia medieval. 1ª Ed. Campinas, Sp: Vide Editorial, 2021. p. 36.

Esta observação leva-nos a Heráclito<sup>3</sup>, tido como “o último, e o mais célebre, dos primeiros filósofos jônicos”<sup>4</sup>. Ele é considerado o filósofo do movimento e “mesmo na Antiguidade Heráclito era considerado difícil”<sup>5</sup>. O grande idealista alemão do século XIX, Hegel, era um admirador de Heráclito: “O que em Heráclito causava mais admiração a Hegel era sua insistência na coincidência dos opostos, como a de que o universo é ao mesmo tempo divisível e indivisível, gerado e não-gerado, mortal e imortal”. Isto o levou a integrá-lo em sua própria filosofia<sup>6</sup>. De acordo com a filosofia de Heráclito, ele propõe uma doutrina que aborda o conceito de um fluxo universal. Heráclito afirma que tudo está em constante movimento e que nada permanece imutável. Ele compara o mundo a uma correnteza, argumentando que, se alguém entrar no mesmo rio duas vezes, não encontrará a mesma água em ambas as ocasiões, uma vez que a água está constantemente mudando<sup>7</sup>.

Em analogia ao pensamento da doutrina do fluxo universal, ou seja – que tudo está em um constante devir – pode-se pensar na vida e na morte orientando a uma maior compreensão do tema. Fato é que, sobre a morte, Heráclito não tratou especificamente em seus fragmentos conhecidos<sup>8</sup>. Contudo, sua visão geral sobre a mudança e a natureza efêmera das coisas pode ser interpretada também em relação à morte. Afinal, a morte seria parte dessa mudança universal, pois ela pode ser vista como uma transformação da existência quando algo é e deixa de ser. A partir disso, compreende-se que a vida é transformação, movimento constante e, nesse sentido, a cada movimento e transformação ocorre uma morte, o encerramento de um ciclo, o fim de uma possibilidade.

Outro pensador de alta relevância na história da filosofia, Parmênides, tido como “patrono da escola italiana de filosofia no início do século V”<sup>9</sup>. Sua filosofia era contrária ao pensamento de Heráclito. Se para Heráclito tudo era constante movimento, Parmênides afirmava que “nada estava em movimento”<sup>10</sup>. Parmênides nos insere em um novo período do pensa-

---

<sup>3</sup> Heráclito de Éfeso (c. 535-475 a.C), filósofo pré-socrático, era conhecido como “o obscuro” pelas sentenças oraculares na obra “Sobre a natureza” a ele atribuída.

<sup>4</sup> cf. KENNY, Anthony. **Uma nova história da filosofia ocidental, vol. I:** filosofia antiga. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2011. p. 37.

<sup>5</sup> *Ibidem.*, p. 37.

<sup>6</sup> *Ibidem.*, p. 37.

<sup>7</sup> *Ibidem.*, p. 38.

<sup>8</sup> cf. KENNY, Anthony. **Uma nova história da filosofia ocidental, vol. I:** filosofia antiga. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2011. p. 40.

<sup>9</sup> *Ibidem.*, p. 41.

<sup>10</sup> *Ibidem.*, p. 41.

mento filosófico ao fundar “a ontologia, ou metafísica, a ciência do Ser”<sup>11</sup>, a partir do qual emergirá um saber filosófico específico para questões essenciais e fundamentais da vida e de tudo o que existe.

De acordo com Kenny, Parmênides concebe que tudo o que existe e tudo o que pode ser concebido equivale ao conceito do Ser. Para Parmênides, o Ser é uma entidade indivisível, desprovida de começo ou fim e imune às vicissitudes temporais. Enquanto Heráclito descreve a evaporação da água de uma chaleira como a morte da água e o surgimento do ar, para Parmênides, essa transformação não implica morte ou nascimento do Ser. Quaisquer alterações que ocorram não representam uma transição do ser para o não-ser, mas, pelo contrário, são mudanças dentro do próprio Ser. No entanto, para Parmênides, nem mesmo essas mudanças têm lugar. O Ser permanece inalterado eternamente, e o conceito de tempo é considerado irreal, pois o passado, o presente e o futuro são percebidos como uma única entidade<sup>12</sup>.

Ambos os pensadores nos colocam a pensar a morte de diferentes maneiras. Em Heráclito, associa-se o movimento vital e todas as transformações nas diversas formas de vida e, portanto, tudo o que existe, sobretudo o Ser, está em um constante vir-a-ser. Por outro lado, embora haja mudanças, Parmênides defende que o Ser na temporalidade é sempre o mesmo. Em relação a morte, analogicamente poder-se-á identificar ambas as ideias ao pensá-la, num primeiro momento, como um constante movimento-transicional da vida defendendo a permanência do indivíduo, ainda que ele venha a morrer. Suas filosofias oferecem perspectivas interessantes sobre a relação entre a mortalidade e a natureza fundamental da realidade<sup>13</sup>.

Constata-se na história da filosofia, particularmente em Platão<sup>14</sup>, o nascimento de método de ver a realidade a partir da razão, distanciando-se das realidades míticas<sup>15</sup>. Nas mitologias até então conhecidas, a morte era uma realidade explicada a partir dos deuses. Platão aborda a morte como uma transição da alma do mundo material para o mundo das Formas eternas. No *Fédon* ele enfatiza a imortalidade da alma e acredita que a morte é uma oportuni-

<sup>11</sup> cf. KENNY, Anthony. **Uma nova história da filosofia ocidental, vol. I: filosofia antiga**. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2011. p. 43.

<sup>12</sup> *Ibidem.*, p. 43.

<sup>13</sup> cf. COPLESTON, Frederick. **Uma história da filosofia: Grécia, Roma e filosofia medieval**. Campinas, Sp: Vide Editorial, 2021. p. 243.

<sup>14</sup> *Ibid.*, p. 143. “Platão, um dos maiores filósofos do mundo, nasceu em Atenas (ou na ilha de Egina) muito provavelmente no ano 428/427 a.C”.

<sup>15</sup> *Ibid.*, p. 85.

dade para a alma buscar o conhecimento puro e a verdadeira realização<sup>16</sup>. Suas ideias sobre a morte estão entrelaçadas com suas crenças filosóficas mais amplas sobre a natureza da realidade e da alma.

Diferentemente de Platão, Aristóteles<sup>17</sup>, não acreditava na existência de um mundo das Formas separado da realidade material. Ele via o mundo como composto por substâncias individuais, cada uma com suas próprias características essenciais. Com Aristóteles vê-se um amplo estudo da metafísica como “ciência das causas primeiras (aitiologia); ciência do ser enquanto ser (ontologia) e ciência da substância (usiologia)”<sup>18</sup>. Em relação à morte, Aristóteles considerava a alma e o corpo como inseparáveis durante a vida e, embora não seja o seu foco principal, ela a considera um processo natural da vida.

Ademais, na história da filosofia, a era helênica é responsável por grande parte do pensamento filosófico-ocidental. Dentro desse período nasce “a primeira das grandes escolas helenísticas, em ordem cronológica, surgiu em Atenas, por volta do século IV a.C. (provavelmente em 307/306 a.C), por obra de Epicuro”<sup>19</sup>. O epicurismo enfatiza a busca pela tranquilidade mental (ataraxia) e o prazer moderado como objetivos centrais da vida humana; o impacto de seu pensamento se tornou duradouro ao longo da história do pensamento humano. A morte é tida como um tema central na filosofia de Epicuro e o objetivo de sua filosofia é “tornar possível a felicidade e extinguir o medo da morte, que vem a ser o maior dos obstáculos no caminho da tranquilidade”<sup>20</sup>.

De acordo com Kenny, a filosofia epicurista argumenta que os seres humanos buscam riqueza e poder como uma forma de adiar a inevitabilidade da morte. Eles se envolvem em atividades frenéticas na tentativa de esquecer a certeza da morte. Segundo essa perspectiva, a religião é responsável por instilar o medo da morte, promovendo a ideia de que o sofrimento pode ocorrer após a morte. No entanto, a filosofia epicurista considera essa crença como uma

<sup>16</sup> cf. COPLESTON, Frederick. **Uma história da filosofia: Grécia, Roma e filosofia medieval**. Campinas, Sp: Vide Editorial, 2021. p. 181.

<sup>17</sup> “Nasceu em 384/3 a.C. em Estagira, na Trácia.

<sup>18</sup> cf. ANTISERI, Dario; REALE, Giovanni. **História da Filosofia (vol. III)**. Filosofia antiga. São Paulo: Paulus, 2003. p. 197-199.

<sup>19</sup> Epicuro nasceu em Samos, em 341 a.C., e morreu em 270 a.C.

<sup>20</sup> cf. KENNY, Anthony. **Uma nova história da filosofia ocidental, vol. I: filosofia antiga**. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2011. p. 124.

ilusão. Os temores propagados pela religião são vistos como contos de fadas que devem ser substituídos por uma explicação científica do mundo<sup>21</sup>.

O epicurismo, nesse sentido, dá um horizonte de libertação ao ser humano diante das angústias que lhe são impostas. A filosofia epicurista é aplicada ao distanciar-se da morte como um mal – Epicuro condena o proceder das religiões que afirmam qualquer espécie de castigo ou sofrimento pós-morte<sup>22</sup>. Para ele, com a morte, encerra-se qualquer possibilidade no campo das sensações e, nesses termos, após a morte não há gozo ou sofrimento.

Partindo da tese epicurista do “nada da morte” adentra-se em um período marcado pela “divinização” da vida. Em sua obra “Carta ao Meneceu”, Epicuro, esforça-se por extinguir o medo da morte sentenciando: “A morte não é nada para nós, pois, enquanto existimos, ela não existe e, quando ela chega, deixamos de existir”<sup>23</sup>. Sua tese contrapõe Platão e Aristóteles, que acreditavam na imortalidade da alma. Para Epicuro, a alma se dissolve na hora da morte, pois esta é “composta de átomos e, portanto, mortal”; assim como o corpo se decompõe, a alma também. Com a morte estamos privados e impossibilitados das sensações<sup>24</sup>. Entende-se assim que “a morte humana significa o fim irreversível do indivíduo e de toda experiência”. Ela é o encerramento, o fim de todas as possibilidades do ser humano.

Quando Epicuro escreve a Carta a Meneceu, ele demonstra um profundo interesse em realizar uma reflexão ética sobre a morte, com o propósito de estabelecer os alicerces para uma forma de vida humana mais virtuosa. Ao longo dessa obra, ele oferece orientações que apontam para a conquista da felicidade e, nesse contexto, é perceptível que a famosa prática da “*Meditatio Mortis*”<sup>25</sup> desempenha um papel de destaque, pois vivenciar uma existência de qualidade está inextricavelmente ligado ao domínio da arte de encarar a morte com serenidade. Consequentemente, ao refletir sobre a morte, estamos, em essência, refletindo sobre a própria natureza da vida, uma conexão intrínseca que não pode ser subestimada.

---

<sup>21</sup> cf. KENNY, Anthony. **Uma nova história da filosofia ocidental, vol. I: filosofia antiga**. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2011. p. 125.

<sup>22</sup> cf. SCHUMACHER, N. Bernard. **Confrontos com a morte: a filosofia contemporânea e a questão da morte**. São Paulo: Edições Loyola, 2009. p. 23. “A ideia da vida ser um castigo e a morte um ganho é de origem órfico-pitagórica”.

<sup>23</sup> EPICURO. Carta sobre a felicidade. Trad. Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore. São Paulo: UNESP, 2002. n. 125.

<sup>24</sup> cf. SCHUMACHER, N. Bernard. **Confrontos com a morte: a filosofia contemporânea e a questão da morte**. São Paulo: Edições Loyola, 2009. p. 127: “A morte é privação de sensação”.

<sup>25</sup> Meditação sobre a morte.

Conforme a filosofia epicurista, é recomendável internalizar a ideia de que a morte não representa uma preocupação para nós, uma vez que todo bem e mal residem na experiência sensorial. A morte, portanto, é caracterizada como a ausência de sensações. Sob essa perspectiva, a compreensão precisa de que a morte não nos afeta positivamente ou negativamente torna a existência humana mortal uma condição agradável, não por estender sua duração indefinidamente, mas ao eliminar o anseio pela imortalidade. Visto que, a vida não apresenta ameaças para aqueles que genuinamente percebem que não há nada a temer na ausência de vida. Portanto, é insensato temer a morte não porque experimentaremos sofrimento quando ela chegar, mas sim porque nos afligimos com a inevitabilidade de sua ocorrência. Pois aquilo que não nos causa perturbação em sua presença não deve nos afligir quando esperado<sup>26</sup>.

Assim, a morte, a mais temível das calamidades, é na realidade inconsequente para nós, pois enquanto existimos, a morte não está presente, e quando a morte chega, nossa existência cessou. Portanto, a morte não tem relação com os vivos, já que estes não a vivenciam, e tampouco com os mortos, pois estes cessaram de existir. Enquanto muitos temem a morte, seja como a pior das desgraças ou como o fim de todas as coisas relacionadas à vida, o sábio, por outro lado, não receia o fim de sua existência, pois a vida não lhe é pesada e ele não considera a não existência como um mal. Da mesma forma que ele não escolhe a comida mais abundante, mas a mais prazerosa, também não busca o tempo mais longo, mas o mais agradável<sup>27</sup>.

Em vista disso, Epicuro afirma uma experiência profunda do ser humano com as sensações, sendo elas responsáveis por todo bem e todo mal experienciados. Portanto, nada pode afetar o ser humano após sua morte, pois este já não é capaz de sentir e ser atingido pela experiência sensível e, em vista disso, o medo da morte mostra-se irracional. Afinal, por que temer uma realidade que não somos capazes de experimentar? Pode-se indagar a origem desse medo e supor que ele seja oriundo de um apego excessivo aos prazeres materiais como riqueza, poder ou luxúria, pois a busca incessante por essas coisas poderia levar à ansiedade e ao sofrimento. Ele argumentava que a verdadeira felicidade vinha da busca por prazeres simples e naturais, como amizade, tranquilidade, liberdade e a busca pelo conhecimento.

---

<sup>26</sup> cf. EPICURO. Carta sobre a felicidade. Trad. Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore. São Paulo: UNESP, 2002. n. 124-126.

<sup>27</sup> *Ibidem.*, n. 124-126.

## 1.2 Inevitabilidade da morte

Entrementes, observa-se que o ser humano vive uma angústia que o permeia ao longo de sua breve existência ao conscientizar-se sobre a real possibilidade da morte. As razões que o faz temê-la e rejeitá-la são especulativas. Ao experienciar a morte-do-outro se vê posteriormente visitado por ela. Ao deparar-se com isso, o ser humano visualiza o encerramento de perspectivas: sonhos, projetos e planos inopinadamente desfeitos e destruídos. No fim das contas, a insegurança diante da certeza da morte faz emergir o grande vazio existencial no interior de cada um<sup>28</sup>. Esse vazio se torna um assombro diante da certeza da não-existência.

A constante luta entre vida e morte revela e acusa a finitude humana. Poder-se-ia dar razão e sentido no pensamento de Teógnis<sup>29</sup>, ao mencionar que melhor seria para o homem não ter visto a luz do dia, sequer existido: “A melhor coisa para o homem teria sido não ter nascido e não ter visto a luz do sol; mas, uma vez nascido, [a segunda melhor coisa é] atravessar os portões da morte tão rápido quanto possível”<sup>30</sup>. Desejar não ter nascido soa um apelo do humano à absurdidade da própria existência que lhe causa profunda dor, afinal, viver é um absurdo tal qual como a morte é. Assim, porque temê-la, por que não a desejar?

A morte é uma contingência, uma questão que se coloca, se apresenta diante de cada mortal inevitavelmente. Não só isso: o ser humano é inacabado, inseguro e permeado constantemente pelo sofrimento da existência. Em concomitância ao pensamento de Teógnis, encontra-se a seguinte afirmação de Sófocles em *Édipo em Colono*: “Não ter nascido é coisa de preço incalculável”<sup>31</sup>. O desejo dos vivos de sequer haver nascido está aqui representado de forma trágica diante das nuances e das dores do mundo.

A primeira vista, pode-se notar um alto e denso teor pessimista e voraz tragicidade que caminha ao lado da morte como uma sombra ao lado do humano. Na literatura bíblica, especificamente, no livro de Jó, nota-se que ele diante das agruras, incompreensões e desgraças ao

---

<sup>28</sup> cf. COPLESTON, Frederick. **Uma história da filosofia**: Grécia, Roma e filosofia medieval. Campinas, Sp: Vide Editorial, 2021. p. 36. “Tinham bastante consciência do lado negro de nossa existência neste planeta, pois contra o pano de fundo do sol e da alegria, viam a incerteza e insegurança da vida humana, a certeza da morte, a escuridão do futuro”.

<sup>29</sup> Teógnis de Mégara (cerca de 570-490 a.C.) foi um poeta lírico e pensador grego antigo.

<sup>30</sup> cf. COPLESTON, Frederick. **Uma história da filosofia**: Grécia, Roma e filosofia medieval. Campinas, Sp: Vide Editorial, 2021. p. 37.

<sup>31</sup> *Ibidem.*, p. 37.

qual vê-se envolto amaldiçoa e maldiz seu nascimento<sup>32</sup>. A reação de Jó é a reação do Ser diante da tragicidade da vida, o qual passa a desejar não ter nascido. A morte parece, até então, inserir a existência em uma instabilidade profundamente marcada pelo desassossego. O sofrimento parece ser, além de inevitável, condição da existência – mostra-se como ontológica<sup>33</sup>.

### 1.3 Nuances da mortalidade no contemporâneo

No hodierno, vê-se diversos temas filosóficos que foram abordados pelos mais diversos autores na história da filosofia e, dentre eles, destaca-se o tema da morte. Porém, embora muito se disserte sobre ela, não há uma universalidade do termo, visto que cada autor atribui definições distintas em sua investigação temática. Em sua obra “Confrontos com a morte: a filosofia contemporânea e a questão da morte”, o autor, Bernard. N. Schumacher, apresenta-nos as diversas definições e empregos que são atribuídos à morte ao propor “uma diferenciação de quatro empregos da noção de morte: o morrer ou a agonia, a mortalidade, o falecimento ou o ser na morte e, finalmente, o estado de morte que segue ao falecimento”. Qual a diferença de cada estado em relação a morte? Afinal, há alguma diferença entre o morrer e a mortalidade, o falecimento e o estado de morte?

Schumacher delinea cada estágio processual da morte distintamente. Em relação ao morrer, o autor aponta esse processo como algo natural, que acontece independentemente da duração da vida ou das propriedades vitais do sujeito; a mortalidade é apresentada como o fim do ser humano, finitude esta que está inscrita em seu ser corporal desde sua projeção na mundanidade; o falecimento é o ser-na-morte: designa o instante, o acontecimento no qual a pessoa se transforma em cadáver; e por fim, o estado de morte é o ponto de transição do falecimento, quando este chega ao fim<sup>34</sup>. Esse último corresponde ao sentido próprio do conceito de morte. O estado de morte é aqui entendido como o fim da existência. Seja como for, de que forma se pode constatar a morte do sujeito? Um parâmetro apresentado como a biologia afir-

---

<sup>32</sup> cf. Jó 3, 1-26

<sup>33</sup> cf. LEFRANC, Jean. **Compreender Schopenhauer**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2019. p. 31. “É o próprio fundo de toda vida humana que é sofrimento, ou, mais exatamente, é necessário compreender que o sofrimento é ao mesmo tempo a mais imediata aparência e a essência melhor escondida”.

<sup>34</sup> cf. SCHUMACHER, N. Bernard. **Confrontos com a morte: a filosofia contemporânea e a questão da morte**. São Paulo: Edições Loyola, 2009. p. 29-32.

mará a morte por meio de uma análise dos compostos que sinalizam vida; a medicina dará o seu veredito ao verificar os sinais vitais e corpóreos de cada um.

De acordo com a análise apresentada, não se deve interpretar a morte como uma desintegração completa da massa corporal, ou seja, do corpo humano, uma vez que é notável que o cadáver mantém uma semelhança notável com o corpo que estava vivo há pouco tempo. A princípio, um observador pode perceber poucas diferenças entre um corpo vivo e um corpo morto, especialmente nas primeiras horas após o falecimento. No entanto, uma análise detalhada de natureza biológica revela diferenças substanciais em termos de constituição morfológica, disposição e estrutura de seus elementos constituintes. Enquanto para um leigo pode ser difícil perceber a diferença entre uma borboleta viva, mas imóvel, e uma borboleta mumificada, o mesmo não se aplica a um biólogo que conduziu um estudo aprofundado sobre o corpo morto<sup>35</sup>.

Em contraste com a visão de Feldman, a fórmula "destruição de um organismo biológico ativo"<sup>36</sup> pode ser interpretada como a perda da capacidade desse organismo biológico de funcionar como um todo (e não necessariamente a destruição de todas as suas partes). Em outras palavras, a morte implica a perda da habilidade do organismo de manter a unidade e de preservar a coesão dos elementos constituintes que o tornam um organismo. A distinção essencial entre um corpo vivo e um cadáver reside na organização e no funcionamento das células que compõem o indivíduo<sup>37</sup>.

Fica claro, dessa forma, que há critérios técnicos que estabelecem o estado de morte do sujeito. Na contemporaneidade, sabe-se a partir de pesquisas científicas, que o corpo humano possui uma capacidade de regeneração e constante renovação a nível celular. Esse dado é importantíssimo para pensarmos a questão da morte, pois quando falamos em renovação celular estamos falando de uma reação correlata de vida e morte. Uma recente publicação do doutor em biologia celular e molecular pela USP (Universidade de São Paulo), Evandro Niero, aponta uma possibilidade de horizontes na mortalidade:

Como surgem novas células em nosso corpo? E com que frequência? É muito difícil precisar o número de células que nascem e morrem em nosso organismo a cada dia,

---

<sup>35</sup> cf. SCHUMACHER, N. Bernard. **Confrontos com a morte:** a filosofia contemporânea e a questão da morte. São Paulo: Edições Loyola, 2009. p. 47.

<sup>36</sup> *Ibidem.*, p. 47.

<sup>37</sup> *Ibidem.*, p. 47.

mas os cientistas estimam que o corpo de um adulto produza, em média, 300 milhões por minuto —ou 432 bilhões a cada 24 horas<sup>38</sup>.

Exposto isto, pode-se entender que esse processo celular é um constante morrer. O corpo humano está a cada segundo sofrendo uma espécie de falecimento e, portanto, está em constante contato com a morte. Não se percebe esse processo, da mesma forma que não se percebe a morte já que não somos capazes de experimentar o estado de morte<sup>39</sup>. Dessa forma, é possível afirmar, no contemporâneo, a nível biológico a afirmação de Sêneca: “morre-se um pouco a cada dia”. A cada instante o ser humano passa pelo processo de morrer e de viver. A morte soa, assim, um tanto quanto familiar.

Diante dessas reflexões, torna-se claro que a morte é uma presença constante no curso da existência, acompanhando o Ser ao longo do tempo. Por conseguinte, desperta sentimentos de apreensão, surpresa e até mesmo aversão. No entanto, é relevante indagar quando e de que maneira a consciência da inevitabilidade da morte se enraizou na mente do homo sapiens-sapiens. Será que a morte sempre suscitou inquietude? Dado que não podemos experimentá-la diretamente, foi ela incorporada ao pensamento humano? A investigação da história se mostra essencial para esclarecer esses questionamentos.

Segundo a perspectiva de Schumacher, o ser humano é comumente considerado como o único ser vivo que possui a capacidade de reconhecer e ter consciência do fenômeno da morte de forma geral, bem como da sua própria mortalidade<sup>40</sup>. Em contraste, presume-se que os animais, devido à falta de autoconsciência, não têm a capacidade de discernir entre os estados de vida e morte, resultando na impossibilidade de possuírem um "conhecimento" ou consciência de sua própria mortalidade. O comportamento dos animais diante da morte é percebido como uma manifestação do instinto da espécie, ao invés de uma reflexão do indivíduo.

Assim, entende-se que se o ser humano é o único capaz de se conscientizar sobre sua mortalidade. E, dessa maneira, poder-se-ia perguntar qual o momento histórico que o ser hu-

---

<sup>38</sup> Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2022/09/24/quantas-celulas-novas-nascem-por-dia-em-nosso-corpo.htm>. Acesso em: 06 set. 2023.

<sup>39</sup> cf. SCHUMACHER, 2009, p. 182, apud BRYSON, 1974, p. 347. “A morte não é uma experiência pois ninguém a vive experimentando-a como tal. Ela não é algo que soframos ou que façamos, pois não é um estado. Ela não se presta a uma investigação fenomenológica pois é absurdo examinar o ser do não-ser. A morte como tal não é conceitualizável”.

<sup>40</sup> cf. SCHUMACHER, N. Bernard. **Confrontos com a morte: a filosofia contemporânea e a questão da morte**. São Paulo: Edições Loyola, 2009. p. 85.

mano passou a entender o fenômeno da morte, a partir de que circunstâncias o ser humano antecipa o conhecimento de sua mortalidade. Pois, ao que parece, essa conscientização acontece a partir da inserção do indivíduo na historicidade da vida. Essa consciência da imortalidade é compreendida como um produto da evolução<sup>41</sup>.

No processo de construção dessa reflexão “alguns tanatólogos incluíram o homem primitivo<sup>42</sup> na ignorância da morte e da mortalidade”, pois de acordo com eles o homem “não tinha consciência – sequer mínima – de sua individualidade”. O ser humano passa a perceber a sua morte a partir da morte do outro “concebida o caráter fortuito da morte” em sua maioria “ocasionada por uma causa externa”. Posteriormente, a morte deixa de ser um objeto desconhecido e passa a ser percebido e, por assim dizer, temido. Além do contexto das ameaças externas “a ameaça da morte poderia também surgir no contexto de um temor da imortalidade”<sup>43</sup>.

A explicação mitológica influencia forte e diretamente o pensamento do homem primitivo “a interpretação primitiva da morte acontece, portanto, num contexto em que a dimensão sobrenatural exerce uma supremacia sobre a dimensão natural”<sup>44</sup>. Ela é tida como algo ruim, porém encontra um certo sentido de “consolação” na misticidade que possui. Essa influência acompanha o ser humano desde os primórdios ao contemporâneo: tornou-se tradição quer seja geracional-familiar ou religiosa. A questão da mortalidade e da consciência do morrer, é esta-

<sup>41</sup> cf. SCHUMACHER, N. Bernard. **Confrontos com a morte: a filosofia contemporânea e a questão da morte**. São Paulo: Edições Loyola, 2009. p. 56.

<sup>42</sup> *Ibid.*, p. 67. “O uso do termo “primitivo” no contexto dessa discussão não implica nenhum julgamento de valor, ao contrário dos trabalhos da maioria dos pesquisadores do século XIX e começo do XX. Estes trabalhavam baseados no método chamado comparativo, descrito pelos psicólogos como anedótico, e que se apoiava no *a priori* do progresso e da hipótese evolucionista, da progressão evolutiva do desenvolvimento humano. “O primitivo era, portanto, representado como um ser pueril, grosseiro, perdulário, comparável aos animais e aos imbecis. Herbert Spencer diz que o cérebro do primitivo é “não especulativo, incapaz de criticar e de generalizar, e que as únicas noções que tem são as dadas por suas percepções” [The principles of sociology, 1.882, t. I, 344]. Lembramos também dos escritos de Darwin, Falton ou ainda Farar” (Edward Evans-Pritchard, *La religion des primitifs à travers les théories des anthorologues*, 125. “O vocabulário e as estruturas gramaticais limitadas dos primitivos só permitem [segundo esses autores] a expressão de ideias extremamente simples” )10s., 119s.). OS primeiros trabalhos de Lévy-Bruhl apresentam o primitivo como um ser totalmente destituído de razão e descrevem seu universo como marcado pelo ministério, pelo sobrenatural, pelo medo e pela pré-lógica. Ele o opõe ao moderno que “desmitificou” a natureza com auxílio da ciência e da razão lógica”.

<sup>43</sup> *Ibid.*, p. 69: “Defendeu-se bastante nos séculos XIX e XX a tese que afirma que a ameaça e a angústia da morte são a origem da religião que oferece paraísos de compensação aos que não conseguem se posicionar diante da morte, enfrentar as forças da natureza hostil e impessoal. Essa posição revela, como mostrou John Bowker no *The meanings of death* um *a priori* e não tem fundamento empírico, pois não existe nenhuma prova concreta que leve a tal conclusão. Parece antes, conforme os fatos empíricos de que dispomos, que a religião não nasce de um esforço para propor uma vida plena de sentido depois da morte, mas de uma resposta ao mal que representa a morte, ao caos que ela ocasiona, afirmando o valor da vida contra os laços da morte”.

<sup>44</sup> *Ibid.*, p. 76.

belecida a partir de um período da existência e, nesse sentido, “alguns filósofos tanatólogos afirmam que a criança, assim como o animal, desconhece sua mortalidade e é até incapaz de distinguir entre o estado de morte e o estado de vida”<sup>45</sup>. Com isso, subentende-se que a consciência da morte é percebida a depender “da idade e do desenvolvimento mental, psíquico, afetivo, físico”<sup>46</sup>.

De mais a mais, a morte se apresenta como uma ameaça ao tempo de vida visto que ela chega sem avisar e a qualquer momento. O processo do morrer possui narrativas experienciais, pois “o ser humano, de algum modo, pode estar presente como espectador, ‘partilhar a realidade da agonia do outro’ (R. Nozick, *Mourir*, 21.), assim como sua própria agonia (na medida em que está consciente)”<sup>47</sup>. Dessa maneira, o indivíduo é capaz de elaborar uma narrativa “pela linguagem ou por símbolos”<sup>48</sup> do que compõe o momento derradeiro. Porém, não é “já não é capaz de comunicar a ninguém sua experiência do morrer”<sup>49</sup>.

No contexto da reflexão platônica, Platão enfatiza que a morte permanece como uma incógnita, na medida em que nenhum ser humano possui conhecimento definitivo sobre ela, nem mesmo se a morte não constitui, na verdade, o maior dos bens. No entanto, paradoxalmente, a humanidade tende a temê-la intensamente, como se detivesse a certeza de que nada pode ser pior. Esse contraste leva a uma reflexão sobre a censurável ignorância, aquela que se manifesta quando alguém se ilude ao imaginar que possui conhecimento acerca do que, na realidade, desconhece por completo.

Não podemos possuir a morte, embora ela seja real, é impossível apoderar-se dela.<sup>50</sup> A morte é um absolutamente inconhecível que aparece e, no entanto, todo ser humano é afetado.<sup>51</sup> O filósofo, portanto, não pode pensar a morte partindo do “nada da morte”, conforme Epicuro apresenta; tão somente pode abordá-la, a partir do momento em que “o inconhecível absoluto aparece e o sujeito é agarrado”<sup>52</sup>. O devir da morte é uma certeza; tê-la no instante

<sup>45</sup> cf. SCHUMACHER, N. Bernard. **Confrontos com a morte: a filosofia contemporânea e a questão da morte.** São Paulo: Edições Loyola, 2009. p. 80.

<sup>46</sup> *Ibidem.*, p. 80.

<sup>47</sup> *Ibid.*, p. 157.

<sup>48</sup> *Ibidem.*, p. 157.

<sup>49</sup> *Ibidem.*, p. 157.

<sup>50</sup> *Ibid.*, p. 162.

<sup>51</sup> *Ibidem.*, p. 162.

<sup>52</sup> *Ibid.*, p. 183.

presente é impossível “para o filósofo vivo, a morte é escatológica; ele nunca poderá apoderar-se dela enquanto sujeito vivo”<sup>53</sup>.

## 2. HORIZONTE FILOSÓFICO EM ARTHUR SCHOPENHAUER

A morte é um enigma intrínseco à existência humana, e Arthur Schopenhauer oferece uma perspectiva filosófica profunda sobre essa temática. Este capítulo se destina a explorar a metafísica da morte sob a ótica do filósofo alemão. Inicialmente, serão apresentados um breve histórico e o arcabouço filosófico que embasa o pensamento de Schopenhauer. Em seguida, adentrar-se-á na visão específica de Schopenhauer sobre a morte como um fenômeno metafísico, explorando também sua concepção da morte como o fim da individualidade. Por fim, o tema do medo da morte, será posto como um aspecto crucial na filosofia schopenhaueriana. Utilizar-se-á trechos selecionados de suas obras principais, como 'O Mundo como Vontade e Representação', além de aforismos e fragmentos de 'Parerga e Paralipomena', para embasar essa análise.

Para elucidação e continuidade a exposição sobre a questão da morte, neste segundo capítulo, adentra-se o pensamento do filósofo alemão, Arthur Schopenhauer, considerado por alguns comentadores “o maior filósofo do século XIX”<sup>54</sup>. Ele, conhecido como “pai do pessimismo” e “filósofo do irracional” propõe uma filosofia acessível, uma filosofia que não está preocupada em investigar como o mundo surgiu, mas uma filosofia prática e, ao mesmo tempo, densa. As ideias de Schopenhauer sobre a morte exploram a transição da individualidade, destacando a continuidade da “coisa em si” para além da morte. Sua ideia aborda o medo da morte como reflexo da vontade de viver, evidenciando a dualidade entre a busca pela imortalidade e compreensão do sofrimento da existência. Com isso, sua reflexão não aborda apenas a relação entre vida e morte, mas também examinam o impacto da morte na consciência humana e na sociedade contemporânea.

---

<sup>53</sup> cf. SCHUMACHER, N. Bernard. **Confrontos com a morte: a filosofia contemporânea e a questão da morte**. São Paulo: Edições Loyola, 2009. p. 183.

<sup>54</sup> cf. LEFRANC, Jean. **Compreender Schopenhauer**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2019. p. 9. “Nos livros de História da Filosofia, Schopenhauer aparece muitas vezes como o pensador mais lido da segunda metade do século XIX, como se fosse o sucessor dos grandes sistemas do idealismo alemão, o único metafísico digno de consideração por volta de 1900 – esperando um melhor, ou seja, Nietzsche, ou na França, Bergson”.

## 2.1 Breve histórico e aparato filosófico de Schopenhauer

Arthur Schopenhauer dedicou-se ao mundo acadêmico e “entre 1809 e 1913 estuda em universidade de Göttingen, Jena e Berlim, tendo sido aluno de Fichte, de Schulze e de Schleiermacher”<sup>55</sup>. No mundo acadêmico “por um certo período, estabelece relações de amizade e de colaboração intelectual com Goethe”<sup>56</sup>. Seu pensamento marcou o século de XIX, de tal forma que, destacou-se como “influenciador direto de Nietzsche, Freud, Wittgenstein e Horkheimer, assim como de Richard Wagner, Thomas Mann, Leon Tolstói, Jorge Luís Borges e Machado de Assis”<sup>57</sup>. Arthur Schopenhauer é responsável direto pelo despontar e pelo vislumbre de pensamentos sofisticadíssimos que surgiram a partir de sua filosofia.

A filosofia schopenhaueriana instiga seus leitores a uma reflexão profunda acerca do mundo, uma análise permeada pela liberdade intelectual, uma vez que o próprio autor, Arthur Schopenhauer, jamais se empenhou em cativar as massas. Conforme relatado por Lefranc<sup>58</sup>, um episódio notável na vida de Schopenhauer é descrito da seguinte maneira: Schopenhauer nunca demonstrou preocupação em ser uma figura simpática, uma vez que ele acreditava que uma personalidade fraca não tinha a capacidade de criar obras significativas. Um evento específico se tornou amplamente reconhecido: em 18 de setembro de 1848, na cidade de Frankfurt, Schopenhauer testemunhou uma grande multidão se reunindo diante de sua residência, erguendo uma barricada. Ele optou por abrir sua porta para permitir que soldados austríacos disparassem contra as janelas e até mesmo emprestou ao oficial responsável sua "grande luneta de ópera" para melhorar a precisão dos tiros.

Sua atitude demonstra coragem e, ao mesmo tempo, uma grande ousadia de caráter. Schopenhauer era pouco convencional, prático e audacioso. Dias antes de morrer, Schopenhauer declarou: “que dentro de pouco tempo os vermes roam meu corpo, eis um pensamento que posso suportar; mas que os professores de filosofia roam a minha filosofia, estremeço desde já”<sup>59</sup>. Essa frase insere dois momentos semânticos: o primeiro, uma espécie de ausência de temor da morte e clara consciência do morrer; o segundo, o medo de deturpação de seu pensamento. O primeiro momento semântico é o destaque para a elaboração deste trabalho.

---

<sup>55</sup> cf. DEBONA, Vilmar. **Schopenhauer**. São Paulo: Ideias e Letras, 2019. p. 14.

<sup>56</sup> *Ibidem.*, p. 14.

<sup>57</sup> *Ibidem.*, p. 14.

<sup>58</sup> cf. LEFRANC, Jean. **Compreender Schopenhauer**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2019. p. 13.

<sup>59</sup> *Ibid.*, p. 18.

A visão de Schopenhauer, como foi dito, é pessimista. Ele “não somente introduziu a palavra na filosofia, mas fez do pessimismo uma tese de alcance crítico, a contrapartida da doutrina leibniziana do melhor dos mundos possíveis”<sup>60</sup>. Não poderia ser diferente, pois sua visão profundamente pessimista da existência humana e do mundo, argumentava que a vida é repleta de sofrimento e que a busca da felicidade é muitas vezes fadada ao fracasso<sup>61</sup>. Ele pensa, aliás, que o sofrimento seja contemplado como o sentido de toda a vida embora pensasse que “viver a dor significa reconhecer que ela possui uma positividade irreduzível”<sup>62</sup>. Por essa razão, Schopenhauer é conhecido por um pessimismo metafísico e por um otimismo prático.

Alguns pensadores na filosofia acreditavam que tudo poderia ser “solucionado” por meio da razão e da ciência, sobretudo no século XVIII. Acreditava-se que a experiência e conforme o tempo, o ser humano iria evoluindo e tornando-se no campo da subjetividade “uma pessoa melhor”. Contrário a esse pensamento, Schopenhauer atesta um antagonismo na própria história ao constatar, na realidade, as dores de cada tempo. Assim, o pensamento hegeliano da evolução histórica através da dialética, é refutado pelo pensamento schopenhaueriano.

Hegel via a história como um processo dialético que culminaria em um estado final de realização da liberdade e do espírito humano. Ele acreditava que a história estava em constante progresso em direção a esse objetivo. Em contraposição, Schopenhauer era cético em relação ao progresso histórico. Ele via a história como uma repetição cíclica de sofrimento e desejo, sem um propósito ou progresso significativo “Vivemos constantemente na expectativa do melhor [...] E isto em regra geral é o decorrer da vida humana: iludido pela esperança, o homem dança nos braços da morte”<sup>63</sup>.

Sobre essa sentença schopenhaueriana das expectativas do humano, comenta Lefranc: “É mister, portanto, conceder toda a sua força à imagem que se tornou banal da ‘dança macabra’: o ser humano não sofre malgrado a esperança, mas sofre pela esperança e na expectativa do melhor em que se renova no desejo, ou seja, a insatisfação”<sup>64</sup>. Essa insatisfação é própria da Vontade que, de acordo com Schopenhauer, exerce o domínio de todas as coisas de forma atroz e violenta.

---

<sup>60</sup> *Ibid.*, p. 29.

<sup>61</sup> *Ibid.*, p. 32. “Schopenhauer, é verdade, chega a se entregar a cálculos fantásticos sobre a soma dos sofrimentos e das alegrias no mundo”.

<sup>62</sup> *Ibidem.*, p. 32.

<sup>63</sup> cf. LEFRANC, Jean. **Compreender Schopenhauer**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2019. p. 31.

<sup>64</sup> *Ibidem.*, p. 31.

Nesse sentido, após um longo percurso filosófico de enaltecimento da natureza humana e do seu processo de constante evolução, o Século XX, estremece e põe em xeque essa construção de pensamento<sup>65</sup>. Dois eventos trágicos marcaram o Século XX: Primeira e Segunda-Guerras Mundiais. Constata-se neles (bem como em todas as outras formas de violência) o ceticismo schopenhaueriano em relação ao ser humano, pois ele é o agente causador de guerras e de milhares de mortes no desenvolver da história<sup>66</sup>. Poder-se-ia perguntar: onde está o ser humano evoluído e civilizado que aprende com os erros da própria existência? Essa atônita reação não ser-nos-ia estranha, pois vemo-la na literatura bíblica, a reação do próprio Deus Iahweh, quando questiona Caim: “Onde está o teu irmão?” (Gn, 4, 9). Esses dois eventos que são um marco do Século XX muda a perspectiva do pensamento moderno em relação ao ser humano.

Antes de abordar a questão da morte em Schopenhauer, o entendimento sobre “a Vontade” é necessário. No fragmento 54 de “O mundo como vontade e como representação”, Schopenhauer explica seu pensamento ao afirmar que, no contexto do mundo como representação, a vontade encontra um espelho para sua natureza. Ele procede a apresentar a essência da Vontade como sendo um impulso cego e irresistível, quando considerada de forma pura, desprovida de conhecimento. Esse impulso é observado na natureza inorgânica, na natureza vegetal e na parte vegetativa de nossa própria existência. No entanto, quando a Vontade entra no mundo como representação, desenvolvida para ser compreendida, ela adquire o conhecimento de seus desejos e do que almeja, que é nada mais do que o próprio mundo e a vida, tal como ela existe<sup>67</sup>.

Entende-se assim que, a essência subjacente de todas as coisas do mundo é a Vontade – uma força cega e irracional que impulsiona tudo na existência – ela não é consciente, mas é a fonte de todos os desejos, instintos e impulsos humanos. Diante dessa relação, Schopenhauer vai dizer que “como o que a vontade sempre quer é a vida, justamente porque a vida nada mais é senão a exposição daquele querer para a representação, é indiferente e tão somente um pleonasma se, em vez de simplesmente dizermos ‘a Vontade’, dizemos ‘a Vontade de vi-

<sup>65</sup> *Ibid.*, p. 30. “Deve-se lembrar, no entanto, que Schopenhauer não está pensando em nenhuma época, em nenhuma ‘civilização’ em particular, nem se referindo a uma filosofia da história. Para ele, as atrocidades do século XX teriam sido simplesmente a confirmação de uma maldade humana absolutamente irremediável”.

<sup>66</sup> cf. BARBOZA, Jair. **Schopenhauer: a decifração do enigma do mundo**. São Paulo: Paulus, 2015. p. 86. “Verificaram aquilo que os iluministas não queriam ver: a razão é capaz de monstruosidades”.

<sup>67</sup> cf. SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e como representação, Iº tomo**. São Paulo: Editora UNESP, 2015. p. 317.

da”<sup>68</sup>. Ao mesmo tempo que a Vontade se apresenta como a motriz por trás de nossa existência, mas também é a fonte de grande parte de nosso sofrimento e que a única maneira de escapar desse sofrimento é a negação da Vontade visando alcançar a paz interior.

A vontade se coloca como a coisa em si e essencial do mundo e, nessa perspectiva, o mundo sensível é o seu espelho. Dessa forma, Schopenhauer sentencia “segue-se daí que este mundo acompanhará a Vontade tão inseparavelmente quanto a sombra acompanha o corpo: onde existe vontade existirá vida, mundo”<sup>69</sup>. Portanto, a vida só é possível enquanto o ser humano estiver preenchido dessa vontade de vida não temendo sua existência e a ameaça da morte. A existência humana, sob a ótica schopenhaueriana, enquanto indivíduo é apenas uma aparência. O fenômeno do nascimento e morte não afetam o indivíduo que chega a existência, pois “nascimento e morte pertencem exclusivamente à aparência da vontade, logo, à vida, à qual é essencial expor-se em indivíduos que chegam à existência e desaparecem”<sup>70</sup>.

A vontade de vida e, portanto, a natureza é imortal enquanto o seu aparecimento se dá no “tempo, espaço e causalidade”<sup>71</sup> dando forma a individuação. A individuação, que envolve o nascimento e a morte do indivíduo, tem um impacto mínimo na vontade de Vida, da qual o indivíduo é apenas um exemplo singular, assim como a morte do indivíduo não afeta a totalidade da natureza<sup>72</sup>. O desaparecimento do indivíduo é irrelevante e “não possui valor algum para a natureza”<sup>73</sup>. A natureza preocupa-se com a espécie e não com o indivíduo em particular<sup>74</sup>. A natureza participa do espaço infinito, tendo a possibilidade de gerar infinitos indivíduos que servem, enquanto vivos, a conservação da espécie.

O pessimismo metafísico de Schopenhauer é arrebatador. Para ele, o indivíduo não possui valor algum para a natureza enquanto tal. A natureza é indiferente com o indivíduo “*Natura non constrictatur*”<sup>75</sup>. Este pensamento justificaria, por assim dizer, além da morte individual, os desastres naturais – o aniquilamento de milhares de indivíduos é para a natureza apenas um ciclo de vida e morte, possibilitando sua manifestação com o surgimento de novos

<sup>68</sup> *Ibid.*, p. 318.

<sup>69</sup> *Ibidem.*, p. 318.

<sup>70</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e como representação, Iº tomo**. São Paulo: Editora UNESP, 2015. p. 318.

<sup>71</sup> *Ibid.*, p. 319.

<sup>72</sup> *Ibidem.*, p. 319.

<sup>73</sup> *Ibidem.*, p. 319.

<sup>74</sup> *Ibidem.*, p. 319. “Pois não é este, mas exclusivamente a espécie, que merece os cuidados da natureza, a qual com toda seriedade, obra por sua conservação”.

<sup>75</sup> *Ibid.*, 320. “A natureza não se entristece.” (N. T.).

indivíduos. Nesse sentido, para ela [a natureza] o indivíduo é apenas um número no meio de milhares de milhões.

Pode-se resumir a metafísica da morte, de Schopenhauer, “na oposição entre a imortalidade da espécie e a mortalidade do indivíduo”<sup>76</sup>. A morte é visível como o término da existência de um indivíduo, no entanto, dentro desse mesmo indivíduo reside a semente de um novo ser. Portanto, tudo o que morre ali não desaparece completamente, mas ao mesmo tempo, nada do que nasce surge como uma entidade completamente nova. O que cessa sua existência se transforma em uma semente da qual um novo ser nasce, ingressando na existência sem conhecimento de suas origens e razão para sua própria existência<sup>77</sup>. Assim, seu pensamento sobre morte pode ser visto como uma forma de superação do sofrimento que a Vontade causa ao indivíduo, pois na morte há uma espécie de redenção. Morrer é, portanto, o término da individualidade, a aparência e não a essência do ser.

## 2.2 A Metafísica da Morte de Arthur Schopenhauer

A morte representa um mistério profundamente entrelaçado à existência humana. Schopenhauer pondera que, ao contrário de outros animais que vivem puramente por instinto, sem uma consciência da própria mortalidade, os seres humanos têm a capacidade de conceber a ideia de sua finitude através do salto na utilização da razão. A conscientização da morte não causa angústia constante na maioria das pessoas. Em vez disso, essa consciência da mortalidade só se torna angustiante quando algo traz à mente uma tragédia impactante, como ameaça ou uma morte repentina. Entende-se assim que, embora os seres humanos pensem essa realidade, ainda que de forma abstrata, a maioria das pessoas a evitam. A consciência da morte surge em momentos particulares, como quando apresenta-se uma situação de perigo, que torna essa realidade mais real e tangível. Essa ocasionalidade da consciência, por si só, distancia o ser humano de preocupar-se com a morte. Na maior parte do tempo, o ser humano vive como se fosse imortal<sup>78</sup>.

---

<sup>76</sup> LEFRANC, Jean. **Compreender Schopenhauer**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2019. p. 137.

<sup>77</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. **Seis ensaios de Parerga e Paralipomena**: pequenos escritos filosóficos. Porto Alegre: Editora ZOUK, 2016. p. 40.

<sup>78</sup> cf. SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e como representação, Iº tomo**. São Paulo: Editora UNESP, 2015. p. 325.

O tema da morte toma um lugar de destaque na filosofia schopenhaueriana. Em sua obra “O mundo como Vontade e como Representação”, a morte, segundo Schopenhauer, aparece na abertura do quarto livro, no capítulo 41: “Sobre a morte e sua relação com a indestrutibilidade do nosso ser em si”, por considerá-la com suma importância, trabalhando-a com seriedade. Schopenhauer assegura que “a morte é propriamente dizendo o gênio inspirador ou o Musagete da filosofia”<sup>79</sup>, pois “difícilmente ter-se-ia filosofado sem a morte”<sup>80</sup>. Segue-se um pensamento socrático que atribui à filosofia o papel de uma “preparação para morte”.

De acordo com Lefranc, “As antropologias tradicionais tendem a eliminar o significado metafísico do amor e da morte”. Nesse sentido, o filósofo, Arthur Schopenhauer, ao insistir e debruçar-se sobre o tema da morte trava um embate àqueles que buscam eliminá-la do pensamento filosófico julgando-a com banalidade, criticando os filósofos que tentam remeter a morte para a biologia ou para a religião, como se ela fosse apenas um fenômeno condicionalmente dado ao caráter de objeto subjugando-a de forma reducionista à ciência<sup>81</sup>. Sobre isso, em específico, o terceiro capítulo deste trabalho fornecerá, ademais, reflexões mais contundentes. Enquanto alguns movimentos esforçaram-se pela retirada da morte do cotidiano, a filosofia e as religiões deram a ela um caráter motriz a existência<sup>82</sup>. Em torno disso, Schopenhauer acredita “que os poetas veem com mais clareza do que os filósofos, quando aceitam a morte e o amor com toda a sua força passional no próprio centro de toda existência humana”<sup>83</sup>.

O pensamento metafísico de Schopenhauer está ligado à sua antropologia que “gravita em torno de uma negação do tradicional dualismo, o do corpo e do espírito, e da afirmação de um novo dualismo, o do intelecto e o querer”. Para ele, há um “primado da vontade sobre o intelecto, não só no homem como também no animal”. Assim, a superação do dualismo tradicional possibilita um salto no pensamento schopenhaueriano considerando o primado da von-

---

<sup>79</sup> cf. SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e como representação, IIº tomo**. São Paulo: Editora UNESP, 2015. p. 555.

<sup>80</sup> *Ibidem.*, 555.

<sup>81</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e como representação, IIº tomo**. São Paulo: Editora UNESP, 2015. p. 128. “Os filósofos, ao que parece, não veem nada mais urgente do que despachar as questões suscitadas pelo pavor da morte ou pelo desejo amoroso ou para a biologia ou para a religião, como se o amor e a morte pudessem ser apenas os fenômenos de um corpo reduzido pela ciência à condição de objeto”.

<sup>82</sup> *Ibidem.*, p. 128. “A sabedoria antiga julgou que poderia dispersar as sombras da morte à luz do conhecimento racional; enquanto filosofias, as doutrinas cristãs quase não buscaram outra coisa”.

<sup>83</sup> *Ibidem.*, p. 128.

tade a fim de fortalecer sua visão de que a Vontade de Viver é o impulso cego que subjaz à experiência humana.

Ao ponderar a morte, Schopenhauer considera que os animais vivem sem o conhecimento dela, pois este não possui consciência de si<sup>84</sup>. Por outro lado, entre os humanos, a certeza e real possibilidade da morte emerge do uso da razão<sup>85</sup>, a partir do momento em que o ser humano pondera o fenômeno da vida observando que a vida é feita de um ciclo entre o nascer e o morrer. Nisto, Schopenhauer explana que da mesma forma que “na natureza a todo mal é sempre dado um remédio, ou ao menos uma compensação”<sup>86</sup> para a morte “a mesma reflexão que produz o conhecimento da morte ajuda também nas concepções metafísicas”<sup>87</sup>. Essas concepções metafísicas surgem como horizonte de consolações, necessárias apenas em face ao ser humano, pois os animais não são capazes e nem precisam disso. Questões metafísicas se apresentam de forma a oferecerem sentido a finitude da vida.

Nesse ponto, novamente pode-se pensar a morte como “a musa da filosofia”<sup>88</sup>, pois ao pensar em concepções metafísicas que ofereçam consolo diante da morte, insurge um poderio as religiões e aos sistemas filosóficos que se colocam como um “antídoto contra a certeza da morte”<sup>89</sup>, visto que, a morte pode ser entendida como um mal, uma doença, que deve ser estudada e combatida. Esse pensamento de “combate a morte” fica cada vez mais explícito na história com o ardente desejo de imortalidade lavrado pelo ser humano, dos gregos até o contemporâneo.

Exemplo disso são os avanços no campo da ciência e da tecnologia que cada vez mais, aponta uma supervalorização da vida, não somente no contexto estético e aparente, mas fala-se muito sobre a chamada “longevidade”. O ser humano luta cada vez mais para encontrar meios que impeça o envelhecimento, o adoecimento e, conseqüentemente, o falecimento. No início do século XXI, dentre os avanços e teorias científicas colocadas em debate à favor da

---

<sup>84</sup> SALVIANO, J. A Metafísica da morte de Schopenhauer. p.188. “Nos animais o cuidado com a conservação está ligado ao medo da destruição do organismo”.

<sup>85</sup> cf. SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e como representação, IIº tomo**. São Paulo: Editora UNESP, 2015. p. 555.

<sup>86</sup> *Ibidem.*, p. 555.

<sup>87</sup> *Ibid.*, p. 556.

<sup>88</sup> *Ibid.*, p. 555.

<sup>89</sup> *Ibidem.*, p. 555.

vida longa, surge a criogenia<sup>90</sup>, um método para promover o congelamento de corpos humanos afim de concenir a vaga esperança de reanimá-los no futuro. Diante disso, se evidencia o desejo do ser humano de perpetuar-se, o desejo de imortalidade que o instiga e o faz gastar suas energias para tal. Com isso, é possível observar que o combate a morte é expresso no desejo de imortalidade como expressão do querer-viver.

Schopenhauer adota um discurso articulando que isso revela um certo temor em relação a finitude humana, pois, o ser humano se estremece diante da possibilidade de passar pelo processo de ser para o não-ser. Ainda que, para Schopenhauer, esse temor ou medo da morte beire o absurdo e o irracional, visto que, da mesma forma em que se teme o medo do devir, ou seja, do não-ser, dever-se-ia temer o não-nascer<sup>91</sup>. Porque, indaga Schopenhauer, tememos a morte, mas não tememos o nascimento?<sup>92</sup> Ambos os estados são um completo não-ser. O ser humano, antes de nascer, não é; da mesma forma que, depois de morto, não será. De acordo o filósofo, “se o que fizesse a morte aparecer-nos como tão terrível fosse o pensamento do não-ser, então teríamos de pensar, com calafrio igual, no tempo em que ainda não éramos”<sup>93</sup>.

Schopenhauer expressa uma crítica a ênfase dada à ideia da morte como algo chocante e trágico, especialmente quando se considera a grandeza do espírito humano e a profundidade de seus pensamentos. Ele argumenta que as pessoas frequentemente fazem discursos eloquentes sobre a morte como o fim da existência, mas negligenciam completamente o fato de que esse mesmo espírito humano existiu por uma "infinidade inteira" antes de nascer, ou seja, antes de adquirir suas capacidades e características distintas. Outrossim, questiona por que não se discute ou reflete sobre a vasta extensão de tempo em que o mundo existiu sem a presença desse espírito humano individual. Ele sugere que essa ausência de discussão revela uma tendência humana para enfatizar a importância da morte, ignorando o mistério da existência ante-

---

<sup>90</sup> “Manter o corpo congelado após a morte na esperança de um dia voltar a viver é uma prática que tem ganhado novos adeptos pelo mundo”, cf. IWASSO, Simone. **Cresce interesse por congelamento pós-morte**. Folha de São Paulo, São Paulo, 19 de dez. de 2002. Disponível em: <<https://www.1.folha.uol.com.br/fsp/equilibrio/eq1912200224.htm>>. Acesso em: 17 de out. de 2023.

<sup>91</sup> cf. SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e como representação, IIº tomo**. São Paulo: Editora UNESP, 2015. p. 559. “Se o que fizesse a morte aparecer-nos como tão terrível fosse o pensamento do NÃO-SER, então teríamos de pensar, com calafrio igual, no tempo em que ainda não éramos. Pós é incontestavelmente certo que o não-ser após a morte não pode ser diferente daquele anterior ao nascimento, conseqüentemente, também não é lastimável. Uma infinidade inteira fluiu, quando nós AINDA NÃO éramos: mas isto não nos aflige de modo algum”.

<sup>92</sup> Ibid., p. 560. “[...] é tão absurdo afligir-se sobre o tempo em que ainda não mais existiremos, quanto o seria sobre o tempo em que ainda não existíamos: pois é indiferente se o tempo, que a nossa existência não preenche, relaciona-se, para com o tempo que ela preenche, como futuro ou como passado”.

<sup>93</sup> Ibid., p. 558.

rior ao nascimento. Em essência, Schopenhauer destaca a inconsistência na forma como a morte é vista em contraste com a falta de reflexão sobre a existência pré-natal, insinuando que essa ênfase na morte pode ser ilusória e talvez inadequada<sup>94</sup>.

### 2.3 Schopenhauer e a concepção da morte como fim da individualidade

Todas as formas de vida objetivadas são, de acordo com o pensamento schopenhaueriano, representações fenomênicas da Vontade. Com a chegada da morte o indivíduo apenas deixará de existir enquanto aparência, a coisa-em-si permanecerá intacta e, logo, a morte não passa de uma ilusão fenomênica. A morte sinaliza o término da individualidade, da vida (*Leben*), não da existência (*Dasein*) em si. Na verdade, ao invés de ser aniquilado ou destruído apenas retorna ao seu “estado original” com a separação do desconhecido que nele atuava<sup>95</sup>. Esse “algo desconhecido” não poderia ser atribuído à consciência (alma) visto que, a consciência se mostra “não como causa, mas como produto e resultado da vida orgânica, aumentando e diminuindo em consequência dela”<sup>96</sup>, pois está submetida a temporalidade “nas diversas idades da vida, na saúde e doença, no sono, desmaio, despertar, etc”<sup>97</sup>. Assim, sua manifestação se apresenta como efeito, nunca como causa da vida orgânica, sempre se revelando como algo que emerge e desvanece, e ressurge, desde que existam condições para tal, mas não além disso<sup>98</sup>.

Nesse sentido, Schopenhauer deseja mostrar a indestrutibilidade do nosso verdadeiro ser. Faz isso ao afirmar que “em toda parte da natureza, cada aparência particular é a obra de uma força universal, ativa em milhares de aparências iguais”<sup>99</sup>; é um equívoco pensar que a morte aniquile essa força universal, responsável pela geração novos iguais. Não parece para Schopenhauer, coerente, pensar que com a cessação do organismo, da vida orgânica, a força universal será aniquilada. Ele exemplifica com um pêndulo, enfatizando que, mesmo quando atinge seu estado de repouso, ninguém raciocinaria que isso implicaria a extinção da grava-

---

<sup>94</sup> *Ibid.*, p. 559.

<sup>95</sup> cf. SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e como representação, IIº tomo**. São Paulo: Editora UNESP, 2015. p. 562.

<sup>96</sup> *Ibid.*, p. 563.

<sup>97</sup> *Ibidem.*, p. 563.

<sup>98</sup> *Ibidem.*, p. 563.

<sup>99</sup> *Ibid.*, p. 564.

de. A força gravitacional permanece intrínseca e operante, no entanto, deixa de se manifestar de maneira óbvia<sup>100</sup>.

Em vista disso, Schopenhauer reconhece a eternidade e ubiquidade presentes ainda nas forças mais baixas da natureza para demonstrar que o sujeito possui a capacidade, a partir dessa observação, deixar-se enganar pelas “aparências fugidias” sendo induzido ao erro. Nesse aspecto, ele ressalta “tanto menos pode nos ocorrer de tomar o cessar da vida como sendo a aniquilação do princípio vivificante, logo, a morte como o completo desaparecimento do ser humano”. A mesma força que, como princípio vivificante, ativava uma vida, mesmo após sua evasão, continua sendo aquela que em uma nova vida manifestar-se-á com o seu despertar e florescer. Este modo de pensar, para Schopenhauer, é quase inevitável, pois o envolvimento nessa cadeia causal “atinge apenas os estados e as formas”<sup>101</sup>: a força presente no princípio vital permanece imune as mudanças. Decerto, “o ser vivente não sofre com a morte nenhum aniquilamento absoluto, mas continua a subsistir em e com toda a natureza”<sup>102</sup>.

Entrementes, “a morte ou a vida do indivíduo não têm valor”. De acordo com Schopenhauer, a natureza não se importa com o destino do animal ou ainda do ser humano, ainda que estes sofram o maior dos tormentos, ela não intervém pelo seu salvamento. Schopenhauer observa exemplos no reino animal para ilustrar sua tese. Ele aponta que animais como o caracol nas flores, desprovido de meios de fuga, defesa, dissimulação ou ocultação, tornam-se presas fáceis para qualquer predador. Da mesma forma, peixes imprudentes lançam-se em redes ainda abertas, sapos, devido à sua lentidão, são incapazes de fugir, e pássaros não percebem o falcão pairando sobre eles. Além disso, ovelhas não notam o lobo espreitando na moita. Esses exemplos evidenciam a ausência de cuidado desses animais e sua propensão a se expor aos perigos que os rodeiam, ameaçando suas existências no momento<sup>103</sup> mostrando que, para a natureza, “o aniquilamento desses indivíduos lhe é indiferente, não a prejudica, não significa nada, e que, nesses casos, o efeito importa tão pouco quanto a causa”.

A natureza porta-se com indiferença, pois para ela, independentemente do que aconteça, “ela sabe que, caso eles caíam, recaem em seu ventre onde estão protegidos, e, por isso, a sua

---

<sup>100</sup> *Ibidem.*, p. 564.

<sup>101</sup> cf. SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e como representação, IIº tomo**. São Paulo: Editora UNESP, 2015. p. 565.

<sup>102</sup> *Ibid.*, p. 567.

<sup>103</sup> *Ibidem.*, p. 567.

queda é apenas uma brincadeira. Para a natureza “vida ou morte do indivíduo lhe são indiferentes”<sup>104</sup>, pois no final retornamos a ela sendo acolhidos novamente como filhos que retornam aos braços da mãe. Quando o coveiro confere solene sepultamento ao defunto na terra, ocultando-o sob a terra, sendo acolhido pelos vermes que o espera, a própria natureza o acolhe, reintegrando com carinho esse “filho pródigo” que deixou deverás lacuna de saudade no coração de sua mãe. Essa consolação natural que este recebe é sempre tida como positiva, nesse sentido, independentemente do modo pelo qual o indivíduo deu termo a sua vida. O que importa é o seu retorno, pois tal destruição de sua aparência “não atinge em nada a sua essência verdadeira e própria”<sup>105</sup>.

O autêntico emblema da natureza, universalmente presente, é indubitavelmente o círculo, por ser a representação paradigmática do conceito de recorrência. Esta forma é adotada de modo ubíquo na natureza, desde o movimento cíclico dos astros até o ciclo de nascimento e morte dos seres orgânicos. Somente através desse esquema é que se torna viável manter uma existência duradoura, e, por conseguinte, preservar a própria natureza, em meio à incessante torrente do tempo e dos seus eventos<sup>106</sup>. Portanto, nascer e perecer são fenômenos contínuos com infinitas possibilidades de ser e não-ser.

Para além disso, Schopenhauer explana a ideia de que a natureza nos dá uma preleção sobre a imortalidade e a relação entre a morte e o sono. Ele observa o comportamento dos insetos durante o outono e inverno, onde alguns preparam-se para um longo sono invernal, outros se envolvem em crisálidas para emergir rejuvenescidos na primavera, e a maioria cuidadosamente deposita ovos antes de enfrentar a morte. Com isso, argumenta que, a partir da perspectiva da natureza, não há uma diferença fundamental entre o sono e a morte. Essa observação leva Schopenhauer a concluir que a morte não é o fim definitivo da existência, mas, em vez disso, representa uma transição na qual a vida continua de alguma forma, talvez em uma nova forma ou geração. Ele sugere que a natureza está ensinando a grande doutrina da imortalidade, destacando que a morte, assim como o sono, não coloca em perigo a existência.

---

<sup>104</sup> *Ibid.*, p. 568.

<sup>105</sup> cf. SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e como representação, IIº tomo**. São Paulo: Editora UNESP, 2015. p. 568.

<sup>106</sup> *Ibid.*, p. 569.

Essa visão reflete sua filosofia pessimista, onde a imortalidade da natureza sugere que o sofrimento humano é uma parte intrínseca da existência<sup>107</sup>.

Essa ideia correlacional entre sono e morte, Schopenhauer trabalha a noção de perda de consciência. Afinal, não seria a morte um estado de perda de consciência? De acordo com ele “A morte é para a espécie o que o sono é para indivíduo”, pois ao dormir experimenta-se um estado de perda de consciência ao qual a morte é uma espécie de adormecimento sem retorno ainda que não deixe de existir. Schopenhauer observa que com a escuridão da noite, desaparece o mundo, este, no entanto, não deixa de existir. Da mesma forma, conclui que com a morte parece o humano e o animal, no entanto, o seu ser verdadeiro permanece indestrutível. Assim sendo, “apesar do tempo, morte e decomposição, eis-nos todos sempre reunidos”<sup>108</sup>.

Outrossim, Schopenhauer conclui que todas as predileções sobre a indestrutibilidade do nosso ser verdadeiro pela morte caem ao erro se esse estudo não estiver fundado primeiramente nos animais<sup>109</sup>. Schopenhauer argumenta que é um erro considerar apenas os humanos como indestrutíveis, pois todos participam da mesma Vontade, a força primordial que impulsiona a existência. Ele ressalta que a maioria das pessoas adota essa visão devido ao medo de qualquer indício de parentesco com os animais<sup>110</sup>. Para Schopenhauer “tal negação da verdade, entretanto, é o que, mais do que qualquer outra coisa, barra-lhes o caminho para o conhecimento real da indestrutibilidade de nosso ser”<sup>111</sup> acrescentando que “se se procura algo por um falso caminho, então justamente por isso abandonou-se o caminho correto, e por aquele não se alcança ao fim senão desilusões tardias”<sup>112</sup>. Ele acredita que a busca pela verdade deve ser imparcial, afastando-se de preferências pessoais e reconhecendo a importância da verdade inerente à natureza.

Portanto, vê-se que o ser humano possui sua raiz ligada à existência da espécie e, por conseguinte, é indestrutível, pois da mesma forma que uma espécie animal perdura de geração em geração através do viver e do morrer, assim também o humano que, por meio da procriação, perpetua sua existência nas gerações vindouras. Define-se que a morte, nessa perspectiva,

---

<sup>107</sup> *Ibid.*, p. 571.

<sup>108</sup> cf. SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e como representação, IIº tomo**. São Paulo: Editora UNESP, 2015. p. 574.

<sup>109</sup> *Ibid.*, p. 576.

<sup>110</sup> *Ibid.*, p. 576.

<sup>111</sup> *Ibidem.*, p. 576.

<sup>112</sup> *Ibid.*, p. 577.

representa “a perda de uma individualidade e a obtenção de um outra, por conseguinte, uma mudança de individualidade sob a condução exclusiva da sua própria vontade”<sup>113</sup>, pois “apenas na vontade reside a força eterna que pode produzir a existência da individualidade juntamente com o seu eu, mas que, devido à constituição desse eu, não o pode manter na existência”<sup>114</sup>. Nesse sentido, comenta Lefranc: “Do outro ponto de vista objetivo, a força vital se manifesta no indivíduo por intermédio da espécie; o indivíduo morre enquanto submetido às formas do fenômeno”<sup>115</sup> e conclui “Mas de um ponto de vista metafísica, a coisa em si se manifesta tão diretamente no indivíduo quanto na espécie”<sup>116</sup>.

É essencial lembrar que, de acordo com a filosofia de Schopenhauer, a natureza intrínseca do ser humano é, por essência, metafísica<sup>117</sup>. Isso decorre da consciência da mortalidade, ou seja, do completo entendimento da finitude da existência, que desempenha um papel central ao conceder ao ser humano a convicção de sua eternidade como indivíduo. No entanto, esse pressuposto se sustenta desde que a individualidade não seja considerada no âmbito da ordem dos fenômenos. Nesse contexto, a razão, que é a faculdade suprema da cognição humana, desempenha um papel crucial. Através da razão, o ser humano transcende o meramente fenomênico e penetra no domínio metafísico, onde a eternidade do eu individual se manifesta de uma maneira que escapa à consciência individual.

A morte, para Schopenhauer, é o término da representação fenomênica da individualidade, enquanto a "coisa em si", o ser, permanece e a morte não afeta a continuidade da Vontade, que é a força subjacente da existência. Portanto, Schopenhauer argumenta que a natureza metafísica do ser humano está intrinsecamente ligada à sua capacidade de compreender a mortalidade, e essa compreensão, quando aplicada de maneira adequada, leva à crença na continuidade da Vontade para além do mundo fenomênico, embora não dê continuidade da existência individual consciente após a morte<sup>118</sup>.

## 2.4 O medo da morte

A reflexão sobre o temor ou medo da morte, de acordo com Schopenhauer, apresentam as duas nuances da visão ocidental, sobretudo ao citando a Europa: primeiro, a ideia da

<sup>113</sup> *Ibidem.*, p. 557.

<sup>114</sup> *Ibidem.*, p. 557.

<sup>115</sup> LEFRANC, Jean. **Compreender Schopenhauer**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2019. p. 142.

<sup>116</sup> *Ibidem.*, p. 142.

<sup>117</sup> *Ibid.*, p. 143.

<sup>118</sup> LEFRANC, Jean. **Compreender Schopenhauer**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2019. p. 143.

“morte como aniquilação absoluta”<sup>119</sup>; a segunda, de que “somos imortais de carne e osso”<sup>120</sup>. Para ele, ambas são falsas e enganosas. Partindo do ponto de vista puramente empírico, Schopenhauer coloca que o primeiro dado que se apresenta ao ser humano, de acordo com a consciência natural, é o temor da morte “o ser humano teme a morte mais do que qualquer outra coisa”<sup>121</sup> ainda que, para ele, esse temor seja uma verdadeira tolice.

Schopenhauer entende que “esse medo *a priori* da morte é, no entanto, apenas o reverso da Vontade de vida, que nós todos somos”<sup>122</sup> assim, “em cada animal [...] é inato o medo diante da própria destruição”<sup>123</sup>. Para isso, levanta-se uma questão “Por que o animal foge, treme e procura esconder-se? Porque é pura Vontade de vida, mas como tal está destinado à morte e quer ganhar tempo. Por natureza, com o ser humano é a mesma coisa”<sup>124</sup> diante de um perigo ou ameaça tende a defender-se ou esconder-se para sobreviver.

Incontestável é a comprovação de que, de uma maneira ou de outra, o ser humano partilha uma conexão intrínseca com as criaturas não racionais: a ardente Vontade de existência. Entretanto, distingue-se dos animais no tocante ao temor da morte, pois estes últimos apenas a temem em resposta a uma ameaça externa iminente. Por outro lado, os seres humanos manifestam uma angustiante apreensão, conscientes de que a morte pode abater-se não apenas em virtude de eventos extraordinários à sua existência, mas também a qualquer momento, devido à contingência pura que permeia a trajetória da vida. A ocorrência do ser humano angustiar-se, parte do “apego sem limites à vida”<sup>125</sup>, pois, sendo incerto o valor objetivo da própria vida não parece duvidoso o fato de temer o não-ser. Esse apego sem limites coloca-se como razão da rejeição ao não-ser, ainda que ele triunfe, pois este é o ciclo natural da vida ao qual a natureza sempre vence<sup>126</sup>.

---

<sup>119</sup> cf. SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e como representação, IIº tomo**. São Paulo: Editora UNESP, 2015. p. 555.

<sup>120</sup> *Ibidem.*, p. 555.

<sup>121</sup> cf. SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e como representação, IIº tomo**. São Paulo: Editora UNESP, 2015. p. 557.

<sup>122</sup> *Ibidem.*, p. 557.

<sup>123</sup> *Ibidem.*, p. 557.

<sup>124</sup> *Ibidem.*, p. 557.

<sup>125</sup> *Ibidem.*, p. 557.

<sup>126</sup> *Ibidem.*, p. 557. “Opiniões mudam com o passar do tempo e o lugar: mas a voz da natureza permanece sempre e em toda parte igual, é, portanto, para ser ouvida antes de tudo o mais”.

Ao sentido da existência, Schopenhauer afirma que, viver é sofrer<sup>127</sup>e, por isso, a explicação plausível para o desejo da imortalidade é colocada como um apego sem limites. Se, portanto, a vida é sofrimento constante e universal, a morte seria, para o indivíduo, um presente, um cessar das dores do mundo, um alívio permanente aos quais nem os mortos cogitariam o retornar à vida “se se batesse nos túmulos para perguntar aos mortos se estes querem ressuscitar, eles sacudiriam a cabeça negando”. É nesse sentido que Schopenhauer cita Voltaire “*je ne sais pas ce que c’est que l’avie éternelle, mais celle-ci est une Mauvaise plaisanterie*”<sup>128</sup> para elucidar que só se pode desejar a imortalidade por falta de conhecimento objetivo. Essa citação revela uma incompreensão do que seria uma vida eterna, ao mesmo tempo que exprime um certo repúdio a existência no mundo.

Deve-se observar que “o conhecimento [...] na medida em que desvela a ausência de valor desta e, assim, combate o medo da morte”<sup>129</sup> e a medida em que o ser humano se conscientiza da ausência de valor da vida opera então “o triunfo do conhecimento sobre a cega Vontade de vida”<sup>130</sup>. Nesse sentido, combater a morte desperta a ideia de que “a esperança na imortalidade da alma vem sempre associada à de um ‘mundo melhor’ – um sinal de que o mundo presente não vale lá muita coisa”<sup>131</sup>, pois Schopenhauer vê na razão “uma fonte de inúmeros sofrimentos, dos quais os animais (por supostamente não a possuírem) estão livres”<sup>132</sup>.

Tal como foi dito, para Schopenhauer os animais não possuem a faculdade da razão e, portanto, são privados dos inúmeros sofrimentos aos quais o ser humano está submetido por possuí-la “quanto mais esta é desenvolvida, mais receptivos somos às dores da vida”<sup>133</sup>. A filosofia schopenhaueriana não tem como objetivo prostrar aqueles que a leem, mas sim fornece um novo vigor, um “consolo realista”, considerando que a razão bem desenvolvida causa

---

<sup>127</sup> cf. SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e como representação, IIº tomo**. São Paulo: Editora UNESP, 2015. p. 557. “Se o sentido mais próximo e imediato de nossa vida não é o sofrimento, nossa existência é o maior contra-senso do mundo. Pois constitui um absurdo supor que a dor infinita, originária da necessidade essencial à vida, de que o mundo está repleto, é sem sentido e puramente acidental. Nossa receptividade para a dor é quase infinita, aquela para o prazer possui limites estreitos. Embora toda infelicidade individual aparece como exceção, a infelicidade em geral constitui a regra”.

<sup>128</sup> “Não sei o que é a vida eterna, mas esta aqui é uma brincadeira de mau gosto.” (N.T).

<sup>129</sup> cf. SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e como representação, IIº tomo**. São Paulo: Editora UNESP, 2015. p. 559.

<sup>130</sup> *Ibidem.*, p. 559.

<sup>131</sup> *Ibidem.*, p. 559.

<sup>132</sup> cf. BARBOZA, Jair. **Schopenhauer: a decifração do enigma do mundo**. São Paulo: Paulus, 2015. p. 28.

<sup>133</sup> *Ibidem.*, p. 28.

sofrimento ao ser humano, como mencionado anteriormente. No entanto, ela consola no sentido de colocar o leitor em uma posição que o capacita a assumir plenamente sua própria existência com tudo o que lhe é possível, tornando, portanto, seu pensamento filosófico libertador. O mistério que envolve a morte instiga o temor, já que o seu verdadeiro significado permanece enigmático.

É nesse sentido que Schopenhauer explana que o grande apego à vida se configura a origem do medo da morte, pois esse se origina no conhecimento pelo reconhecimento do valor da vida. No entanto a origem ontológica do medo da morte, está enraizada na vontade, essência originária, força motriz, cega e irracional. A vontade de vida se manifesta no ser com o medo de sua aniquilação embora ela não aconteça. Esse medo é manifesto pelo intelecto e desaparece com a cessação das atividades do cérebro, a “casa do intelecto”. Com a morte sucumbe o mundo objetivo, o mundo da representação<sup>134</sup>.

A morte, no entendimento da filosofia schopenhaueriana, não se revela como uma realidade, muito menos como um tormento; verdadeiramente angustiante é o sofrimento. O ato de morrer se insere na ordem natural da existência, tão intrinsecamente quanto o próprio viver. O nascimento e a morte, alicerces do nosso ser, são meras manifestações da vontade que se entrelaçam em um abarcamento cósmico-fenômico. A cada dia que passa, inúmeros indivíduos se desvanecem enquanto outros, igualmente numerosos, emergem em sua esteira. A vida abriga a morte, e a morte, por sua vez, abraça a vida, ambas se entrelaçando como fenômenos de um único e imenso desejo. Apenas a consciência individual sofre interrupção no momento da morte, algo semelhante ao que ocorre durante o sono, que é, por sua vez, uma pequena morte. A morte, por conseguinte, se assemelha a um profundo sono, do qual renascemos ao vir ao mundo, como que acordando de um sono anterior. Morrer, no seu cerne, é nascer; nascer, por sua vez, é morrer<sup>135</sup>.

Dito isso, é plausível estabelecer uma conexão com a sociedade contemporânea a fim de delinear um horizonte inovador para transcender o temor da morte, sem a pretensão de erradicá-la, como frequentemente se tem tentado fazer. A sociedade contemporânea revela sua natureza peculiar não tanto pela apreensão da morte sob o prisma schopenhaueriano, mas an-

---

<sup>134</sup> cf. SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e como representação, IIº tomo**. São Paulo: Editora UNESP, 2015. p. 596-597.

<sup>135</sup> *Ibid.*, p. 84.

tes pela manifestação de uma inquietação que pode ser interpretada como indiferença, exclusão, aniquilação, distanciamento, ou até mesmo pela insensível trivialização da finitude humana. No contexto contemporâneo, a morte assume um paradigma peculiar, sendo objeto de discussões mais ou menos frequentes.

Durante séculos, e ainda atualmente, alguns membros de movimentos religiosos se saúdam com a frase “*memento mori*” que seria traduzido por “lembra-te que vais morrer”. O sentido da inserção dessa saudação é de recordar o sujeito de que ele é finito e, portanto, deve considerar isso como um pensamento norte-condutor para um proceder ético e moral. Nesse sentido, inserir a morte no cotidiano traria um aspecto de meditar a finitude em vista de uma vida bem vivida. Ao passo que poder-se-ia levantar como hipótese que retirar a morte do meio social teria como consequência uma vivência superficial, frágil e efêmera. Banir a morte do pensamento social seria danoso, pois poderia conduzir o sujeito a viver uma vida apegada aos prazeres e a mundanidade. Com isso, vivendo um ensimesmamento traria implicações danosas no âmbito social.

A morte, portanto, emerge como uma componente indispensável para a construção do pensamento humano e da própria sociedade. Ela não apenas nos lembra da impermanência da existência, mas também nos incita a questionar o propósito de nossa jornada terrena. A confrontação com a finitude da vida desafia-nos a buscar significado, a refletir sobre nossos valores e a estabelecer laços mais profundos com os outros. A morte, ao final das contas, é um lembrete constante de que a busca por uma vida significativa e virtuosa é intrínseca à experiência humana. Portanto, banir a morte do pensamento e da cultura social seria privar a humanidade de uma força motivadora fundamental para o crescimento espiritual e o desenvolvimento moral.

### **3. DESVENDANDO A MORTALIDADE: PERSPECTIVAS SOBRE A MORTE.**

O terceiro capítulo deste trabalho conduz a uma análise profunda e multifacetada sobre a questão da morte, explorando distintas perspectivas que se entrelaçam, na história, entre a filosofia schopenhaueriana e o contexto sociocultural. Visto que, objetiva-se uma conexão com o mundo contemporâneo, este terceiro capítulo visa estabelecer um diálogo multidisciplinar com contribuições grandiosas do historiador francês, Philippe Ariès, que fornecerá uma fundamentação valiosa em vista desse objetivo. Os textos analisados oferecem uma reflexão abrangente sobre a condição humana diante da morte, buscando compreender não apenas as transformações contemporâneas nas atitudes em relação morte, mas também como a filosofia

e a religião tem oferecido ferramentas para que o ser humano seja capaz de lidar com as questões existenciais e a busca por sentido na vida.

### 3.1 Philippe Ariès e a Morte na sociedade

Por séculos, na história, a morte ocupou um lugar de destaque por estar tão presente e tão próxima de todos. Essa proximidade se deu por seu caráter natural, afinal, todo ser vivente participa e está condicionado a intercambiar a existência entre a vida e a morte. No contexto contemporâneo, a sociedade tem enfrentado uma relação complexa com a morte, pois a globalização possibilitou uma amplitude paradigmática marcada pelo avanço tecnológico, mudanças culturais e a forte influência dos meios de comunicação desempenham um papel categórico na percepção da morte, sendo discutida e, em muitos casos, banalizada. A forma pela qual a sociedade opta por lidar com a questão da morte define a compressão da vida como um todo, a forma pela qual o ser humano enfrenta e lida com a própria finitude, a do outro e as questões existenciais.

O historiador francês, Philippe Ariès, em sua obra “História da morte no ocidente”, examina a evolução das atitudes e práticas em relação a morte ao longo da história ocidental. Ariès argumenta que a forma pela qual a morte é percebida e vivenciada passou por transformações profundas e significativas ao longo dos séculos, refletindo mudanças culturais, religiosas e sociais.<sup>136</sup> A obra expõe a transição entre as sociedades medievais para a modernidade e de que forma isso influenciou a concepção da morte. Ariès proporciona uma análise profunda que confere à sociedade contemporânea uma compreensão não apenas da história da morte, mas de que forma incide o pensamento sobre a morte na construção da mentalidade dos indivíduos e da sociedade como um todo.

De acordo com Ariès, na Idade Média, a morte era intrincada à vida cotidiana, sendo um fenômeno natural e parte da experiência humana<sup>137</sup>. Havia uma ritualização da morte e, por assim dizer, sua exaltação. Os indivíduos, na sociedade, viviam em constante consciência sobre a finitude. Os rituais funerários e as práticas de luto eram intensos envolvendo toda a comunidade. A relação do indivíduo com a morte, segundo Ariès, possui “um sentimento muito antigo, duradouro e intenso de familiaridade com a morte, sem medo ou desespero, um

---

<sup>136</sup> cf. ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente**: da Idade Média aos nossos dias. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2012. p. 98.

<sup>137</sup> *Ibidem.*, p. 98.

meio-termo entre a resignação passiva e a confiança mística”<sup>138</sup>. Ariès ressalta que, mais do que em outros momentos marcantes da vida, é na morte que o Destino se revela. O moribundo aceita essa ideia em uma cerimônia pública, cujo ritual é estabelecido pela tradição cultural e representa uma significância de relevo na vida individual, familiar e social<sup>139</sup>.

Para cada indivíduo, segundo Ariès, a morte representa o reconhecimento de um Destino no qual a personalidade não é aniquilada, mas adormecida – uma espécie de repouso.<sup>140</sup> Essa concepção pressupõe a existência de uma vida além da morte, uma continuidade e, conforto posto anteriormente, esse pensamento se alinha com a ideia schopenhaueriana de que a morte não é uma aniquilação absoluta. Ariès ressalta, então, que essa ideia é de atenuamento, como a sobrevivência das sombras e dos espectros do paganismo, ou mesmo nas ideias de ressurreição do cristianismo antigo e popular<sup>141</sup>. Além disso, Ariès discute a concepção não tão dicotômica entre os períodos pré e pós-morte, assim como entre a vida e sobrevivência nas culturas ancestrais.<sup>142</sup> Ele sugere que, nos contos populares, há uma presença equiparada dos mortos e dos vivos, insinuando uma permeabilidade entre esses estados. Dessa forma, tanto os vivos quanto os mortos parecem ser desprovidos de uma personalidade distintiva, o que implica em uma ausência de individualidade psicológica entre eles.

Ao expor uma evolução na percepção e na significância atribuída à morte ao longo da história, Ariès pondera essa passagem da Idade Média até a época moderna, destacando a transformação da morte que de um estado de esquecimento ou aceitação passiva de um destino indiscernível para um momento em que as peculiaridades de cada vida se manifestam de maneira intensa.<sup>143</sup> Na Idade Média, especialmente do século XII ao século XIV, insurgiu uma visão mais pessoal e interiorizada da própria morte. Isso se verificou no apego intenso à vida e na expressão da mortalidade como um amargo fracasso, uma inquietação em relação à própria existência.<sup>144</sup> Nesses termos, o medo da morte, conforme argumenta Schopenhauer, se dá pelo apego desmedido à vida e por um sentimento de incerteza em face o parecer da aparência, ou seja, do corpo.

---

<sup>138</sup> cf. ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias**. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2012. p. 98.

<sup>139</sup> *Ibidem.*, p. 98.

<sup>140</sup> *Ibidem.*, p. 98.

<sup>141</sup> *Ibidem.*, p. 98.

<sup>142</sup> *Ibidem.*, p. 98.

<sup>143</sup> *Ibid.*, p. 99.

<sup>144</sup> *Ibidem.*, p. 99.

Na época moderna, apesar de certa continuidade nos temas e rituais, a morte se distancia gradativamente do contexto familiar e comum. No imaginário, associa-se a o erotismo, simbolizando a quebra da ordem habitual.<sup>145</sup> No âmbito religioso, a morte assume significados que interpela o mundo material, expressando desprezo por este e sugerindo a ideia do nada. Mesmo quando há uma persistência na crença de vida após a morte, ela é vista como uma separação inaceitável, a perda do ser amado, tornando-se uma passagem da vida para eternidade, ainda que permeada por um sentido de separação dolorosa e inadmissível.<sup>146</sup> Essa passagem expõe significativas e profundas mudanças na compreensão e no sentimento que gira em torno da morte, abrangendo o âmbito religioso, familiar e filosófico, marcando, então, a complexidade das relações humanas com a inevitabilidade do fim.

A partir do século XIX, segundo Ariès, a morte adquire uma nova mística, caracterizada por uma dualidade fascinante e tensa.<sup>147</sup> Em algumas manifestações, era glorificada, exaltada, mas ao mesmo tempo, contestada e repudiada. Nesse período, a presença da morte parecia onipresente, visível em cortejos fúnebres, trajes de luto, expansão dos cemitérios e seu culto memorial através de visitas e peregrinações aos túmulos.<sup>148</sup> No entanto, Ariès questiona se todo esse glamour não teria ocultado o declínio das relações profundas e autênticas com a morte, aquelas profundamente intrincadas na sociedade. A representação eloquente da morte oscilou ao longo do tempo, culminando em uma época em que a morte se tornou indescritível, quase inominável. A sensação de que nem o indivíduo nem seus entes queridos eram mais percebidos como mortais. Apesar do reconhecimento da mortalidade, a verdadeira percepção interior parece indicar o contrário. Há um sentimento de apego à imortalidade, um não reconhecimento da morte, como se essa condição intrínseca tivesse se desvanecido da consciência humana.<sup>149</sup>

O prolongamento da vida, no entanto, não se manifestou como se esperava, de modo que se pode questionar se há uma ligação inextricável entre a percepção da morte e construção da identidade individual. Nesse sentido, Ariès explana a possibilidade de haver um retrocesso na aspiração pela existência no homem contemporâneo, contrariando o movimento observado na

---

<sup>145</sup> cf. ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente:** da Idade Média aos nossos dias. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2012. p. 100.

<sup>146</sup> *Ibidem.*, p. 100.

<sup>147</sup> *Ibidem.*, p. 100.

<sup>148</sup> *Ibidem.*, p. 100.

<sup>149</sup> *Ibidem.*, p. 100.

segunda fase da Idade Média.<sup>150</sup> Enquanto naquela época, é possível dizer, havia um intenso desejo de existir, atualmente, sugere-se um atenuar desse ímpeto de vida. Por outro lado, ele também aponta para a impossibilidade de resgatar a inocente confiança no Destino que durante muito tempo foi evidente nas pessoas simples ao defrontarem-se com a morte.<sup>151</sup> O contraste entre a confiança ingênua no destino e a perda dessa crença, associa-se ao recuo na aspiração pela vida, lança luz sobre a complexa relação entre o conceito da morte, da auto percepção e a evolução cultural ao longo do tempo.

Outrossim, Ariès inicia uma reflexão sobre a crise contemporânea enfrentada em relação à morte destacando que há mudanças nas percepções sociais, sobretudo aos sentimentos de pânico e angústia que permeia a relação atual do ser humano com a morte, caracterizando-se como uma crise da individualidade<sup>152</sup>. Ele ressalta a distinção entre a abordagem anterior à morte, predominantemente presente na literatura, na filosofia e em outras formas de expressão cultural, e a atual, onde a morte ganha uma conotação de angústia difusa<sup>153</sup>. De acordo com ele, a partir da década de 1950, insurge uma literatura direcionada e especializada, não apenas focada no discurso sobre a morte, mas sim numa abordagem histórica e sociológica mais aprofundada<sup>154</sup>. Esse movimento contrasta com o silêncio presente nas ciências humanas em relação à morte, um tema que, apesar de vastamente discutido na literatura e na filosofia, pareceu ausente das discussões acadêmicas.

Para Ariès há uma discrepância entre a ampla abordagem presente em outras áreas da vida humana, como família, trabalho, política e religião, e o silêncio em torno da morte, uma lacuna que se reflete na sociedade, enquanto massa, que parecem evitar a discussão e enfrentamento desse tema<sup>155</sup>. O contraste epistêmico se dá na observância de encontrar na liberdade de discussão na literatura e a morte real, vista como vergonhosa e fadada ao silêncio na sociedade contemporânea. Ariès aponta o silêncio dos costumes como tema central, observando a

---

<sup>150</sup> cf. ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias**. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2012. p. 100.

<sup>151</sup> *Ibidem.*, p. 100.

<sup>152</sup> *Ibid.*, p. 212.

<sup>153</sup> *Ibidem.*, p. 212.

<sup>154</sup> *Ibidem.*, p. 212.

<sup>155</sup> *Ibid.*, p. 213.

discrepância entre a morte representada na cultura e a morte como experiência vivida, identificando isso como uma característica carregada de significação do contemporâneo<sup>156</sup>.

### 3.2 Atribuição de sentido à morte: consolações metafísicas.

De acordo com a filosofia schopenhaueriana, o ser humano destaca-se dos animais pela faculdade da razão. Ao ser capaz de racionalizar o próprio existir e todas as coisas inerentes à existência, o ser humano cria, desenvolve e potencializa o seu estar no mundo em uma perspectiva mais profunda que ultrapassa o simples viver. Nesse sentido, o ser humano se abre ao pensamento filosófico impulsionado pelo sentimento de angústia, que o move e o aprofunda na existência. Schopenhauer afirma que é do espanto que nasce, no ser humano, a necessidade de uma metafísica. O ser humano não é apenas animal, mas um *animal metaphysicum*<sup>157</sup>. O espanto é uma disposição filosófica notável por Aristóteles ao afirmar “*Propter admirationem enim et nunc et primo inceperunt homines philosophari*”<sup>158</sup>.

Schopenhauer, ao discutir a disposição filosófica inerente a todos os seres humanos, ressalta a capacidade que este possui de se espantar com a existência, mesmo diante das realidades mais comuns e cotidianas. Essa disposição filosófica, presente em cada um ser humano, permite que a morte, um fenômeno universal na aparência, se transforme em um enigma intrincado para a humanidade<sup>159</sup>. O espanto, do ponto de vista do conhecimento, é algo comum, no entanto, Schopenhauer ressalta que o espantar-se diante de questões existenciais perpassa o crivo do intelecto. Quanto mais o indivíduo cresce em termos intelectuais, mais enigmático se torna a existência; sem isso, tudo parecer ser o que é limitado ao senso comum<sup>160</sup>, poder-se-ia dizer que a existência se torna coisificada e desinteressante.

O espanto filosófico, gerado pela consciência da mortalidade e do sofrimento humano, é influenciado não apenas pelo intelecto elevado, mas também pelo conhecimento sobre a morte e pela reflexão sobre o sofrimento e a miséria da vida. Esse entendimento é um estímulo significativo para a introspecção filosófica e para a interpretação metafísica do mundo. Se o

<sup>156</sup> cf. ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias**. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2012. p. 213.

<sup>157</sup> cf. SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e como representação, IIº tomo**. São Paulo: Editora UNESP, 2015. p. 195.

<sup>158</sup> *Ibid.*, p. 196. “De fato, foi o espanto que levou, como hoje, os primeiros pensadores a filosofar”.

<sup>159</sup> *Ibidem.*, p. 196.

<sup>160</sup> *Ibidem.*, p. 196.

ser humano fosse imortal e livre de sofrimento, de acordo com Schopenhauer, ele não desenvolveria a disposição para o filosofar, visto que tudo bastaria por si mesmo<sup>161</sup>.

Em conformidade com isso, tanto a religião quanto a filosofia são portadoras de teorias que oferecem uma consolação metafísica ao ser humano dando respostas às questões que o angustia<sup>162</sup>. Essas consolações encontram terreno fértil diante de uma completa ausência de sentido de que a vida está repleta. Reverbera, assim, o espanto do Ser ante o sofrimento, a maldade e a morte levando-o ao metafísico para sublimar o vazio existencial e a carência de sentido que o acompanha. Afinal, quem pode responder qual é o valor da vida? Na concepção schopenhaueriana, o ser humano se depara com a incapacidade de plenamente solucionar esse questionamento primordial, encontrando-se, assim, compelido a recorrer ao domínio do absurdo. Esta busca pela resposta à vida emerge da intrínseca necessidade humana de conferir sentido a uma existência permeada por interrogações basilares.

Outrossim, a morte, sendo um fenômeno intrincado à existência, dispõe o interesse para o filosofar, sobretudo do ponto de vista religioso, trazendo a possibilidade de algum tipo de perduração após a morte.<sup>163</sup> As religiões oferecem essa possibilidade condicionada a existência de deuses, os quais defendem com afincos, pois a existência desses seres supremos torna-se um critério para a imortalidade.<sup>164</sup> A esperança nos deuses se dá pela expectativa de uma familiaridade com eles na vida futura. Se se pudesse assegurar a imortalidade sem a existência desses seres supremos, de imediato, o zelo pelos deuses diminuiria gradativamente dando lugar à indiferença, e em última instância, daria lugar ao ateísmo.

Concomitante a isso, o escritor português José Saramago, em sua obra “As Intermitências da Morte”, narra um episódio em que um Cardeal da Igreja Católica trava diálogo com o Primeiro-Ministro do Estado, para discutir a crise vigente, em decorrência do não-morrer na sociedade. No episódio em questão, a morte decretou uma greve trazendo com esse ato diversas crises em resposta ao absurdo desejo de imortalidade. Há uma eternização da vida e uma eternização do sofrimento. Na narrativa, o Cardeal afirma que “Sem morte não há ressurreição,

---

<sup>161</sup> cf. SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e como representação, IIº tomo**. São Paulo: Editora UNESP, 2015. p. 196.

<sup>162</sup> *Ibid.*, p. 555.

<sup>163</sup> *Ibid.*, p. 196.

<sup>164</sup> *Ibidem.*, p. 196.

e sem ressurreição não há igreja”<sup>165</sup> pois, a Igreja se habituou às respostas eternas e não se pode imaginar uma Igreja sem essa realidade metafísica<sup>166</sup>.

Este enredo sustenta a ideia de que o abandono das realidades metafísicas resultaria no ocaso das religiões e na extinção dos debates filosóficos, pois não haveria a necessidade de responder a uma realidade ilusória na qual o ser humano deposita suas esperanças. Essa visão ecoa os princípios schopenhauerianos, pois levanta-se a possibilidade de que não teria surgido, na história, nem mesmo uma única religião ou filosofia sem a contemplação sobre a natureza da morte. A afirmação metafísica advém de suas necessidades, é nisso que Schopenhauer afirma “Templos e igrejas, pagodes e mesquitas, em todos os países, em todos os tempos, no esplendor e na grandeza, testemunham a necessidade metafísica do ser humano, necessidade que, forte e inextirpável, pisa os calcanhares da necessidade física”<sup>167</sup>. Com isso, é possível enxergar a necessidade metafísica em termos de consolação como intrincada ao ser humano.

A vida se apresenta tão cruel, tão fugaz e tão desprezível que o faz recorrer a alegorias e mitos postulantes de um mundo totalmente outro; um mundo onde não haja dor nem sofrimento. Para Schopenhauer, a existência em um mundo desse tipo seria enfadonha e entediante, visto que o indivíduo passaria uma eternidade inteira num único estado de espírito.<sup>168</sup> A beleza de seu pessimismo metafísico atinge o seu ápice em uma compreensão trágica das nuances existenciais que, no entanto, não coloca o ser humano em um estado de inércia e paralisia, mas o instiga a viver com autenticidade e profundidade.

A resposta mais profunda à questão da existência é posta sobremaneira. Schopenhauer enfatiza que se não houvesse obstáculos na vida não seria possível uma apreensão e uma ultrapassagem da vida. Ele compara a natureza humana à dinâmica de um córrego.<sup>169</sup> Argumenta que assim como um córrego não cria turbulências até encontrar obstáculos, nossa percepção humana não capta tudo que ocorre de acordo com a nossa vontade. Quando algo acontece conforme desejamos, geralmente não percebemos ou não atribuímos atenção a isso, presumindo ser algo natural. No entanto, quando algo se opõe ou contradiz nossa vontade - o que é

<sup>165</sup> cf. SARAMAGO, José. **As intermitências da morte**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. p. 18.

<sup>166</sup> *Ibid.*, p. 20.

<sup>167</sup> cf. SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e como representação, IIº tomo**. São Paulo: Editora UNESP, 2015. p. 197.

<sup>168</sup> cf. LEFRANC, Jean. **Comprender Schopenhauer**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2019. p. 167-168.

<sup>169</sup> cf. SCHOPENHAUER, Arthur. **Parerga e Paralipomena**. Trad. M. L. M. O. Cacciola. SP: Nova Cultural. 1988. p. 216.

desagradável ou doloroso -, isso é percebido imediatamente e com clareza. Schopenhauer usa a metáfora de sentir apenas onde o sapato aperta para ilustrar como focamos nas mínimas coisas que nos incomodam, ignorando o bem-estar geral<sup>170</sup>.

Schopenhauer destaca a negatividade inerente ao bem-estar e à felicidade, contrastando-a com a positividade da dor, enfatizando como o ser humano tende a dar mais atenção ao que lhe causa desconforto do que situações de contentamento.<sup>171</sup> A felicidade, nesses termos, seria um estado que impede o indivíduo de notar a essência das coisas e o que precisa ser notado, ao passo que, a dor possui essa força avassaladora de o colocar no exercício filosófico. Nesse sentido, Schopenhauer afirma não conhecer absurdidade maior nos sistemas metafísicos que apresentam o mal como algo negativo, porquanto, de acordo com ele, é justamente o contrário. Para ele, o fato de o mal causar desconforto é positivo, visto que se pode percebê-lo e senti-lo. Por outro lado, o bem, a felicidade e a satisfação constituem o negativo da existência, pois representam apenas a cessação de desejos e a eliminação de um desconforto<sup>172</sup>.

Por considerações como as acima, portanto, se entende que o ser humano atribui à sua vida um sentido metafísico em vista de seu estado ontológico de sofrimento. Além da filosofia e da religião, Schopenhauer afirma que um consolo eficaz em meio a toda infelicidade e sofrimento está na observância do sofrimento alheio, àqueles que são mais infelizes que si mesmo, pondo assim o egoísmo humano como uma forma de consolação.<sup>173</sup> Ele sugere que ao olhar para os que estão em situações ainda mais difíceis produz um sentimento de sentir-se melhor momentaneamente. O filósofo compara a vida humanas aos carneiros despreocupados no pasto enquanto o açougueiro observa para escolher quais serão abatidos.<sup>174</sup> Essa metáfora expressa a ideia de que, mesmo nos momentos de felicidade ou tranquilidade, o ser humano desconhece as possíveis desgraças que o destino pode reservar a ele: doenças, adversidades, perdas, e por fim, a morte.

---

<sup>170</sup> cf. SCHOPENHAUER, Arthur. **Parerga e Paralipomena**. Trad. M. L. M. O. Cacciola. SP: Nova Cultural. 1988. p. 216.

<sup>171</sup> *Ibidem.*, p. 216.

<sup>172</sup> cf. SCHOPENHAUER, Arthur. **Parerga e Paralipomena**. Trad. M. L. M. O. Cacciola. SP: Nova Cultural. 1988. p. 216.

<sup>173</sup> *Ibid.*, p. 217.

<sup>174</sup> *Ibidem.*, p. 217.

No contexto da história, tanto coletiva quanto individual, Schopenhauer a caracteriza observando os conflitos e as lutas incessantes, seja contra as adversidades da vida<sup>175</sup>. Ele retrata um quadro sombrio da existência, onde a paz é apenas uma breve pausa entre os atos de uma tragédia constante, e a vida do indivíduo marcada por uma luta contínua, não apenas metafórica, mas também real, ao envolver confrontos e necessidades. Essa perspectiva schopenhaueriana destaca a natureza intrinsecamente conflituosa e desafiadora da existência humana. Nesse sentido, torna-se patente a busca do ser humano por um lenitivo à sua existência, como um ser inquieto em busca de sentido questionando todas as coisas e a si mesmo.<sup>176</sup> O embate contínuo que permeia o seu estar no mundo obstaculiza tal caminho, imergindo-o em um estado de consternação e desassossego. Com isso, o ser humano, então, recorre à sua disposição filosófica intrínseca, na busca de conferir significância em vista de enfrentar a efemeridade e a finitude da vida por meio de uma abordagem multifacetada que lhe atribua sentido.

### 3.3 Sociedade moderna: o tabu da morte.

O marco inicial da história da morte contemporânea, para Ariès, é apontado com obras específicas e sua relevância para a humanidade.<sup>177</sup> Ele atribui o pioneirismo a Alberto Tenenti com duas obras publicadas entre 1952 e 1957, focadas no Renascimento e no século XV respectivamente, ao explorar a relação entre arte e morte. É com o ensaio do antropólogo, Geoffrey Gorer em 1955, “*The pornography of death*” que a sociologia da morte é reconhecida, seguida pela coletânea de estudos interdisciplinares organizada por H. Feifel, intitulada “O Significado da Morte”, em 1956.<sup>178</sup>

O tabu da morte é comparado por Ariès com as restrições e tabus discutidos por Freud em relação ao sexo, observando que os sociólogos contemporâneos abordam a morte de maneira imprecisa, contornando seu tabu como Freud fez com o sexo.<sup>179</sup> Com isso, há uma diferenciação entre a postura conservadora da literatura em relação à morte, mantendo-se nos temas tradicionais, e abertura observada na sociologia e psicologia contemporâneas, que começam a redescobrir a morte como um tema de estudo e reflexão.<sup>180</sup> Ele destaca a crescente atenção da

<sup>175</sup> cf. SCHOPENHAUER, Arthur. **Parerga e Paralipomena**. Trad. M. L. M. O. Cacciola. SP: Nova Cultural. 1988. p. 217.

<sup>176</sup> cf. LEFRANC, Jean. **Compreender Schopenhauer**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2019. p. 140.

<sup>177</sup> cf. ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias**. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2012. p. 214.

<sup>178</sup> *Ibidem.*, p. 214.

<sup>179</sup> *Ibidem.*, p. 214.

<sup>180</sup> *Ibidem.*, p. 214.

grande imprensa e revistas populares para obras acadêmicas sobre a morte, indicando um interesse crescente do público por esse tema, inicialmente considerado proibido e obscuro.<sup>181</sup> A discussão aqui poderia ser vista, do ponto de vista da proibição, o interesse humano por aquilo que lhe é cerceado.

A nova sociologia que gira em torno da morte é vista como um marco não apenas na bibliografia científica, mas também como um ponto significativo na história das atitudes do ser humano em relação à morte.<sup>182</sup> No entanto, Ariès observa a falta de sensibilidade histórica nessa abordagem, apontando que as atitudes contemporâneas em relação à morte, descobertas por sociólogos, psicólogos e médicos, são tão novas e perturbadoras que ainda não foram completamente contextualizadas historicamente.<sup>183</sup> Buscando compreender as novas atitudes diante da morte, adotadas pelo ser humano, em perspectiva histórica, explora a privação do moribundo diante da morte, a recusa do luto e a invenção de um novo ritual fúnebre nos Estados Unidos da América.<sup>184</sup>

A privação do moribundo em relação a morte é um movimento histórico intrigante. No passado, era comum que as pessoas estivessem conscientes da proximidade da morte, fossem avisadas pelos outros ou sentissem os sinais dela aproximando-se. A morte era comumente anunciada, permitindo, então, que o moribundo se preparasse, desse adeus aos seus entes queridos e se despedisse da vida de forma consciente e participante.<sup>185</sup> Pode-se dizer que havia uma dramaturgia sensível em torno da morte, com o moribundo sendo o principal ator, dando ordens, fazendo recomendações e despedindo-se dos seus. Contudo, ao longo do tempo, houve mudanças significativas. As relações familiares passaram por uma evolução e o sentimento familiar levaram à intervenção cada vez maior da família sob o indivíduo em momentos cruciais, sobretudo na morte. De forma gradual, a família assumiu um papel central na administração do fim da vida, tomando decisões em nome do sujeito hospitalizado à beira da morte, muitas vezes escondendo dele a verdade sobre sua condição real.<sup>186</sup>

---

<sup>181</sup> cf. ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente:** da Idade Média aos nossos dias. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2012. p. 214.

<sup>182</sup> *Ibidem.*, p. 214.

<sup>183</sup> *Ibid.*, p. 215.

<sup>184</sup> *Ibidem.*, p. 215.

<sup>185</sup> *Ibidem.*, p. 215.

<sup>186</sup> *Ibid.*, p. 214.

Nesse sentido, há uma forte influência do desejo de proteger o sujeito do sofrimento emocional, levando à prática de ocultamento da verdade sobre a proximidade da morte. Essa mudança epocal foi acompanhada pela ascensão da importância médica na administração da morte, especialmente com o aumento das mortes em hospitais. Houve, então, uma medicalização da morte amparada pela medicina moderna e o desenvolvimento da tecnologia, contribuindo para um obscurecer ainda mais profundo entre doença e morte. A morte passa a ser um segredo guardado entre os familiares e médicos em vista da condição do moribundo, que deve morrer sem a consciência de sua morte iminente.<sup>187</sup> Com isso, a morte tornou-se ocultada, escondida, em vista de não causar um sofrimento emocional ao moribundo e, embora essa mudança tenha sido motivada por um desejo de proteção e cuidado, deu espaço a um distanciamento e uma inconscientização do moribundo de seu destino, de seu fim iminente, a morte.<sup>188</sup>

Em concordância com isso, a privação do luto apresenta-se sob novas formas. Ariès destaca como, antigamente, o luto era uma expressão natural de dor após a perda de um ente querido.<sup>189</sup> Na Alta Idade Média, por exemplo, até os guerreiros e reis expressavam sua dor de forma dramática e intensa, expressando pelo choro e pelo prostrar-se diante dos corpos gélidos de seus entes queridos.<sup>190</sup> Contudo, ao longo dos séculos, essas manifestações de luto ganharam outro sentido. Houve uma mudança gradativa na forma como a sociedade lidava com a morte e o luto, com a reclusão dos enlutados e a proibição das manifestações públicas de dor.

Ariès destaca uma virada em meados do século XX, quando a sociedade passou a proibir expressões de luto e a ocultar a dor da perda.<sup>191</sup> Geoffrey Gorer, observou essa mudança e como a morte se tornou um tabu na sociedade moderna. A sociedade começou a evitar o assunto da morte e do luto, e as pessoas passaram a esconder suas emoções para se encaixarem nas convenções dadas à sociedade.<sup>192</sup> Um ritual amplamente discutido, por exemplo, é a cremação, como forma de evitar o culto dos mortos, sendo um meio radical para a sua eliminação. Gorer percebeu como a sociedade moderna estava se distanciando de práticas tradicionais de luto, impedindo as pessoas de expressarem sua dor de maneira aberta, pública e difusa.<sup>193</sup>

---

<sup>187</sup> cf. ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente:** da Idade Média aos nossos dias. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2012. p. 219.

<sup>188</sup> *Ibidem.*, p. 219.

<sup>189</sup> *Ibid.*, p. 227.

<sup>190</sup> *Ibidem.*, p. 227.

<sup>191</sup> *Ibid.*, p. 232.

<sup>192</sup> *Ibid.*, p. 234.

<sup>193</sup> *Ibid.*, p. 237.

A transformação da morte em tabu, na cultura moderna, está intrincada a manifestações abertas de luto à uma postura de ocultação e proibição dessas expressões.

Essa mudança de perspectiva no tratamento da morte é exposta por Ariès, ao citar os Estados Unidos da América, onde, de acordo com ele, novos ritos funerários passaram a divergirem das práticas convencionais em comparação com outras culturas e momentos históricos.<sup>194</sup> Sua abordagem começa pela observância de como a morte se tornou um tabu na sociedade contemporânea, especialmente em regiões industrializadas sob forte influência do capitalismo. Essa observação contrasta com aversões encontradas em localidades onde há uma mentalidade mais arcaica ou menos tocada pela modernidade, pois “o modelo da sociedade futura lhes será imposto e completará o esvaziamento da morte, já começado nas famílias burguesas, sejam elas progressistas ou reacionárias”<sup>195</sup>. Nos EUA, a morte é notavelmente abordada de maneira diferente. Ariès descreve um conjunto de práticas funerárias que incluem embalsamento, exposição do corpo em locais privativos, enterros em cemitérios equiparados quase como parques, visando a preservação de uma aparência de vida ao falecido.

Sente-se, então, que esses ritos, embora pareçam excessivos ou até mesmo caricatos para alguns, representam uma resistência a modernidade de minimizar a importante e a solenidade em torno da morte.<sup>196</sup> Ao contrário de outras culturas onde a morte se tornou um tema tabu, nos EUA, ela é encarada de maneira mais aberta. O marco são os ritos funerários, mesmo considerados extravagantes, exibem uma determinada forma de honraria aos mortos e desafia o contemporâneo ante a inevitabilidade da morte. Essa relação de mudança na percepção da morte e da individualidade, ao longo da história é apontada, por Ariès, de forma subsequentemente em sua obra.<sup>197</sup> Ele aponta que nas eras medievais, a morte era um momento de grande consciência individual, e o individualismo também foi evidente. Agora, sugere-se, então, que crise contemporânea em torno da morte pode estar ligada a uma transformação paralela na ideia de individualidade. A constante busca humana se manifesta na tentativa de conferir significado e estrutura, não apenas ao fenômeno da morte, mas a todas as suas representações.

---

<sup>194</sup> cf. ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente:** da Idade Média aos nossos dias. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2012. p. 243.

<sup>195</sup> *Ibid.*, p. 244.

<sup>196</sup> *Ibid.*, p. 245.

<sup>197</sup> *Ibidem.*, p. 245.

Após explorar os diferentes olhares da morte, desde a perspectiva da filosofia schopenhaueriana até as análises socioculturais de Philippe Ariès, torna-se evidente que a temática da morte transcende uma simples reflexão filosófica ou histórica, adentrando profundamente na condição humana. A morte é não apenas um fenômeno biológico, mas uma complexa construção social permeada por tabus, transformações históricas e busca por sentido. As reflexões sobre a morte revelam não apenas a evolução das atitudes em relação a esse tema, mas também como a sociedade, ao longo do tempo, buscou ocultá-la ou reinterpretá-la. O tabu da morte, a privação do moribundo, a mudança nas manifestações de luto e as consolações metafísicas demonstram a incessante necessidade humana de compreender a finitude e atribuir significado à existência. As reflexões desses textos revelam a importância de olhar para a morte não apenas como um fim inevitável, mas como um convite à reflexão sobre a vida, os valores humanos e a busca constante por sentido e consolo diante da efemeridade existencial.

## CONCLUSÃO

Ao longo deste trabalho, busquei investigar a questão filosófica da morte na sociedade contemporânea, a partir do pensamento filosófico de Arthur Schopenhauer, percorrendo a história da filosofia e os matizes pelos quais a morte assumiu ao longo dos anos. Com base nos objetivos inicialmente propostos, procurei analisar qual a relevância da morte no pensamento humano, sobretudo na forma como o indivíduo se conscientiza e de que maneira essa conscientização o afeta. A inevitabilidade da morte possibilitou verificar o óbvio: não há como evitá-la; ela representa o fim das possibilidades e o derradeiro momento da vida. As nuances da mortalidade contemporânea adquiriram forma ao constatar um caminho alternativo pelo qual o ser humano enxerga a questão da finitude diante das angústias existenciais que o permeiam, tendo como desejo a imortalidade e a preservação de si.

Ademais, ao adentrar no pensamento filosófico de Arthur Schopenhauer, nota-se que o filósofo responde à morte de forma semelhante a Epicuro, enfatizando o "nada da morte". Para Schopenhauer, a morte não deve ser um objeto de terror e rejeição, pois não afeta o ser em si, apenas põe fim à aparência, à forma etérea do indivíduo. Assim, Schopenhauer desenvolve um pensamento metafísico sobre a morte que se destaca sobremaneira. Ele elucidou o medo da morte como um medo cego e irracional, oriundo da vontade de vida, que teme o seu aniquilamento com a morte da pessoa. Destaca que o medo da morte é sentido pelo ser humano com tamanha intensidade, pois a ele é dada a possibilidade de antecipar o pensamento sobre a finitude, diferenciando-se dos animais irracionais, que conhecem a morte apenas diante de uma ameaça iminente.

Além disso, após um percurso pela filosofia schopenhaueriana em consonância com a história da filosofia e da investigação do pensamento humano, adentra-se para ampliar horizontes, nas contribuições do historiador francês, Philippe Ariès, que discorre extensamente sobre a questão da morte em sua obra "História da morte no Ocidente". É possível, então, visualizar a morte na sociedade para além da filosofia, tendo um olhar mais preciso e prático através da história, percorrendo um caminho investigativo desde a Idade Média até o Contemporâneo.

Nesse contexto, ao observar a questão da morte na sociedade, sob a ótica da Filosofia e da História, nota-se um certo vazio na relação do ser humano e das sociedades com a questão da finitude. Para isso, a filosofia schopenhaueriana contribui, através de um diálogo interdisciplinar, para a compreensão de que à morte sempre é atribuído algum sentido e significado. A atribuição da filosofia schopenhaueriana visualiza essa atribuição de sentido e significado sob a forma de consolações metafísicas. Para ele, o ser humano busca o metafísico para decifrar questões complexas e angustiantes. A religião e a filosofia são dois caminhos para elucidar essas questões, embora não sejam capazes de dar uma resposta que encerre a questão. Sobre a morte, quanto mais se elucubra, mais se investiga, mais é possível falar. Pode-se considerar os discursos sobre a morte inesgotáveis.

Na atualidade, observa-se uma crescente tendência à consideração da morte como um tabu. Esse fenômeno ganha terreno na mentalidade humana e ecoa através das estruturas sociais. O receio, a falta de significado e a inevitabilidade da morte emergem como elementos centrais que transformam a morte em um tabu paradigmático, tema de destaque desta pesquisa. A percepção da morte como tabu carrega consigo conotações de negatividade, obscenidade e rejeição. Embora a morte seja um processo natural, sua compreensão como um fenômeno familiar tem se distanciado progressivamente dessa noção, havendo sempre um espanto e um estranhamento ao se aproximar dela.

O caminho percorrido nesta pesquisa oferece contribuições significativas para recolocar a reflexão sobre a morte no campo acadêmico que dialoga com a sociedade como um todo. Não se pode afirmar que pensar sobre a morte ou recolocá-la no debate contemporâneo dará garantias de um mundo melhor, pois não é possível dizer que o ocultamento da morte seja a causa dos dramas existenciais contemporâneos, uma vez que cada época, mesmo quando a morte era vislumbrada, possui seus sabores e tragédias. Contudo, pode-se considerar como uma possibilidade epocal, pois, como abordado no texto, pensar sobre a morte é pensar sobre a vida, certa e necessariamente.

Nesse sentido, a morte confere um caráter orientador subjetivo e, portanto, pode reverberar os mesmos efeitos no coletivo. Certamente, ocultar a morte da sociedade implica deixar de lado questões humanas fundamentais, correndo o risco de desumanização do humano e desvalorização da vida – tangenciais da existência que são marcas da sociedade contemporânea. Instigar o pensamento sobre a finitude da vida pode ser a chave para um retomar a própria história, a própria vida, sob a ótica da alteridade, da empatia e ética. Entretanto, há uma possibilidade de que o pensamento sobre a mortalidade dê horizontes à ética, da mesma forma que, dá horizontes para a indiferença, ao egoísmo e a crueldade. Esses movimentos são possíveis a partir de um olhar antropológico da filosofia schopenhaueriana que encontra essas realidades no interior do humano.

Por fim, no processo de desenvolvimento deste trabalho enfrentei desafios, pois Schopenhauer, por assim dizer, não é, ainda hoje, tão querido quanto Hegel nas universidades. A escolha pelo autor trouxe consigo uma dificuldade epistemológica na academia, pois o filósofo em questão é pouco estudado e debatido. Talvez, conforme alguns comentadores, isso se deve às críticas que o filósofo destilou contra as universidades e docentes de filosofia em seu tempo. Outra hipótese, é do otimismo cego pelo qual a sociedade contemporânea supervaloriza. Da mesma forma que a morte se tornou obscena, a infelicidade e, nesse sentido, o pessimismo se tornou execrável.

A filosofia de Arthur Schopenhauer é fundada numa visão pessimista e melancólica, isso pode causar um grande mal-estar ao entrar em contato com suas obras. Contudo, o contato com as obras schopenhauerianas possibilitou-me tocar o seu cerne e verificar que, na verdade, sua filosofia pessimista trata-se de uma filosofia prática, realista e trágica. A tragicidade e o realismo filosófico de Schopenhauer se traduz em uma filosofia capaz de consolar o humano dando um olhar límpido sobre as representações e as aparências do mundo. Nesses termos, suponho que Schopenhauer tem muito a contribuir com a sociedade contemporânea, pois sua filosofia pode ser um divisor de águas aos indivíduos imersos numa positividade e otimismo ilusórios sem limites. De fato, a vida é um dom, é bela. Mas não podemos descartar e ignorar as desgraças que acompanhar o Ser no existir.

Pretendo, a partir desse trabalho, dar continuidade ao meu percurso acadêmico explorando questões que envolvem a natureza finita da experiência humana, especialmente o estudo da morte. A busca por um mestrado para explorar essa temática fascinante, em especial, almejo analisar o impacto religioso sob a ótica da escatologia cristã, dentro do campo da Ciência da Religião. Fico feliz em registrar, ao término desta pesquisa, que fui aceito para cursar o mes-

trado em Ciência da Religião, na mesma universidade onde conduzi esta pesquisa. Isso é crucial para seguir minha investigação sobre a conexão entre religião, percepção da morte e seu impacto na compreensão humana, ampliando meu conhecimento nessa área. Levando em conta a pesquisa sobre a morte e a vida, reconheço a importância de valorizar as oportunidades que se apresentam.

Entendo que esta pesquisa possibilitou não apenas o meu expandir do conhecimento, mas também enriqueceu minha trajetória, proporcionando-me meios para unir minha vocação com uma busca contínua pelo entendimento mais profundo do mundo que nos cerca. Da mesma forma que a morte sempre se colocou como uma possibilidade dar sentido a existência, acredito que posso contribuir para o vislumbre e animo de viver as pessoas que veem a vida como algo a se livrar com a morte e não o contrário. A morte marca o fim das nossas dores, segundo Schopenhauer, mas o nosso ser permanece sempre vivo e intocável.

Percebo que esta pesquisa não apenas ampliou meu conhecimento, mas também enriqueceu minha caminhada, oferecendo-me recursos para alinhar minha vocação a uma busca contínua por um entendimento mais profundo do mundo ao nosso redor. Da mesma forma que a morte sempre se apresentou como uma possibilidade de dar sentido à existência, acredito que posso contribuir para inspirar e encorajar aqueles que encaram a vida como algo a ser libertado pela morte, e não o contrário. Para Schopenhauer, a morte representa o fim das nossas dores, mas nosso ser permanece sempre vivo e intocado.

A morte é, como afirmou Schopenhauer, a musa da filosofia, sendo impossível filosofar sem ela. Ao realizar este trabalho, percebi que discutir a morte abrange tantos aspectos da existência que me motivou a direcionar meu interesse para o campo da pesquisa acadêmica. Esta investigação revelou-se fundamental, provocando uma reflexão profunda sobre a consciência da mortalidade, incentivando a análise da própria vida e a forma como é conduzida. Além disso, ao estudar a morte e suas implicações, compreendi a importância de valorizar cada momento vivido, percebendo que é através da consciência da finitude que encontramos motivação para viver plenamente. Portanto, esta pesquisa não apenas reforçou a relevância da temática da morte no contexto humano, mas também destacou a necessidade de explorar mais a fundo os entrecortes entre vida, morte e a busca por significado, abrindo portas para futuras investigações que possam ampliar ainda mais nosso entendimento sobre esses temas tão intrincados à condição humana.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### 1. REFERÊNCIAS PRINCIPAIS

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e como representação, Iº tomo.** São Paulo: Editora UNESP, 2015.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e como representação, IIº tomo.** São Paulo: Editora UNESP, 2015.

### 2. REFERÊNCIAS SECUNDÁRIAS

ANTISERI, Dario; REALE, Giovanni. **História da Filosofia (vol. III): Filosofia antiga.** São Paulo: Paulus, 2003.

ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias.** Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2012.

ARIÈS, Philippe. **O Homem Diante da Morte.** São Paulo: Editora Unesp, 2014.

BARBOZA, Jair. **Schopenhauer: a decifração do enigma do mundo.** São Paulo: Paulus, 2015.

COPLESTON, Frederick. **Uma história da filosofia: Grécia, Roma e filosofia medieval.** 1ª Ed. Campinas, SP: Vide Editorial, 2021.

DEBONA, Vilmar. **Schopenhauer.** São Paulo: Ideias e Letras, 2019.

EPICURO, **Carta sobre a felicidade:** (a Meneceu) / Epicuro; Tradução e apresentação de Alvaro Lorencini e Enzo Del Carratore. – São Paulo: Editora UNESP, 2002.

FREITAS, S. V. Maria. A indestrutibilidade do ser na filosofia de Arthur Schopenhauer. **APOENA**, Belém, b. 1, n. 1, p. 48-57, fevereiro de 2019. Disponível em:

<http://dx.doi.org/10.18542/apoena.v1i1.11572>. Acesso em: 19 de março de 2023.

KENNY, Anthony. **Uma nova história da filosofia ocidental, vol. I: filosofia antiga.** São Paulo, SP: Edições Loyola, 2011.

LEFRANC, Jean. **Compreender Schopenhauer.** Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2019.

LOBATO, P. D. Milene. A concepção filosófica da morte em Schopenhauer. **SABERES**, Natal RN, v.1, n. 17, p. 55-66, dezembro de 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/saberes/article/view/12907>. Acesso em: 14 de março de 2023.

SALVIANO, Jarlee. A metafísica da morte de Schopenhauer. **Etic@**, Florianópolis, v.11, n. 2, p.187-197, julho de 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1677-2954.2012v11nesp1p187>. Acesso em: 13 de março de 2023.

SARAMAGO, José. **As intermitências da morte.** São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Parerga e Paralipomena.** Trad. M. L. M. O. Cacciola. SP: Nova Cultural. 1988.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Seis ensaios de Parerga e Paralipomena: pequenos escritos filosóficos.** Porto Alegre: Editora ZOUK, 2016.

SCHUMACHER, B. N. **Confrontos com a morte: a filosofia contemporânea e questão da morte**. Tradu.: Lúcia P. de Souza. São Paulo: Loyola, 2009.

SÊNECA, L. A. **Cartas a Lucílio**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1991.